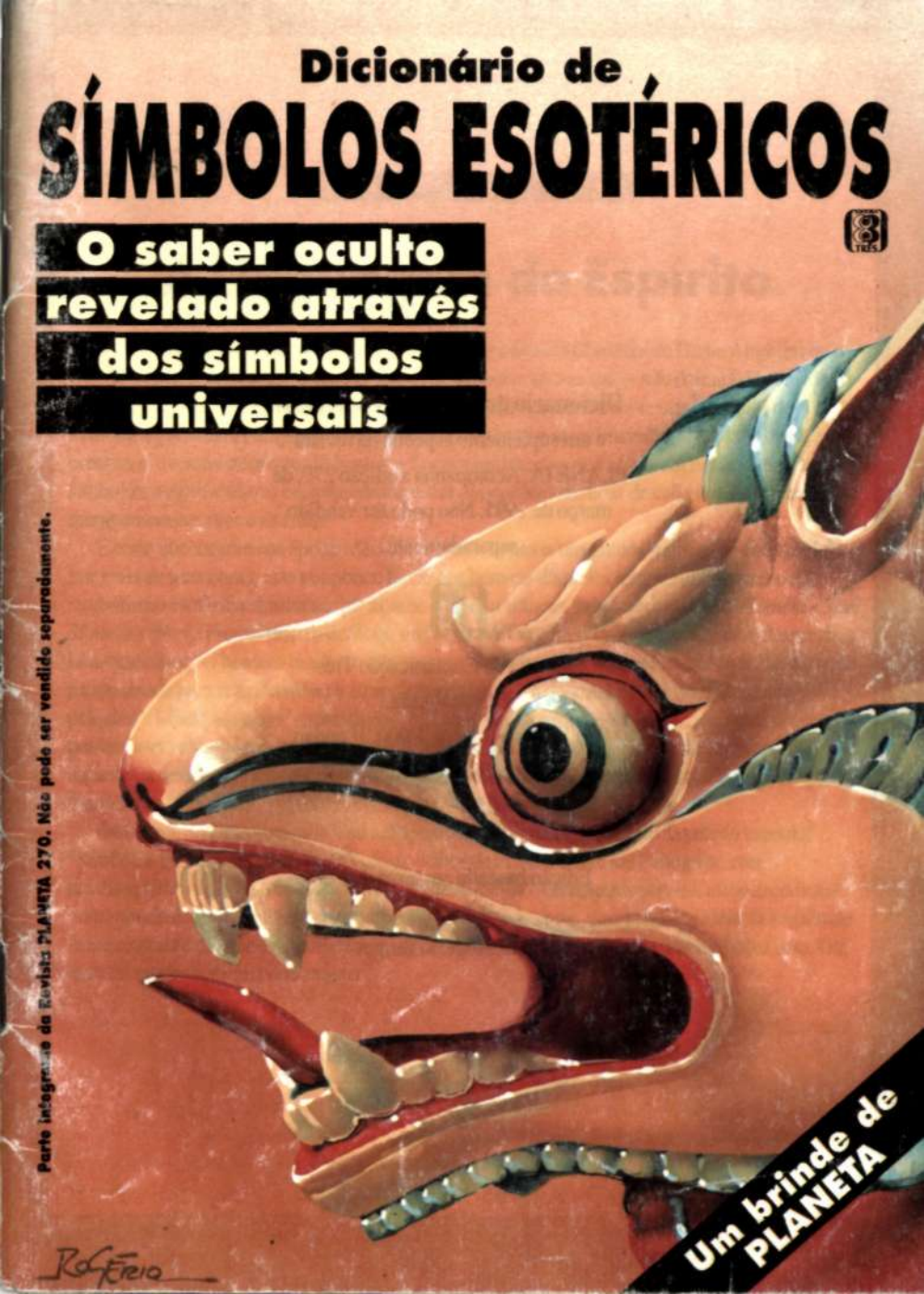
Dicionário de
SÍMBOLOS ESOTÉRICOS

O saber oculto revelado através dos símbolos universais



Um brinde de PLANETA

Parte integrante da Revista PLANETA 270. Não pode ser vendido separadamente.

Dicionário de Símbolos Esotéricos
é um suplemento especial da revista PLANETA. Acompanha a edição 270, de março de 1995. Não pode ser vendido separadamente.

Empresa de Comunicação Três
Editorial Ltda.
RuaWilliam Speers, 1.000, 1^{Q}andar,
conjunto 39 - São Paulo - SP
05067-900

Edição baseada em texto de Luis Pellegrini
Capa: Rogério Borges

PLANETA ESPECIAL

GNOMOS

Fadas, Duendes

Os Protetores Invisíveis da Amazônia

As Fotos das Fadas de Yorkshire

Os Elementais da Terra, Água, Fogo e Ar

Os Espíritos da Natureza

3ª Edição
R$ 3,80



JÁ NAS BANCAS

O SOM DA VIDA

Focalizadora: Sheila Almeida



Você é um canal de energia, unindo o humano e o divino, e através do seu Ser total o Universo vibra harmonias singulares e únicas, que compõem o seu próprio e ainda desconhecido Som Interior.
Em seu corpo energético, os chakras ecoam estas notas cósmicas, e da qualidade deles depende a sua qualidade de vida. Estimulando, alimentando e equilibrando os chakras, através da Holomúsica - a Música da Totalidade - "O Som da Vida" o ajuda a se perceber como um ser total, e despertar o seu Curador Interno, devolvendo-lhe sua ilimitada energia, disponível para a verdadeira Cura.

Local do evento:
Sítio Religare - Estrada C.I.A. - Aeroporto, km 4
Salvador Bahia - Data: 13 a 16 de abril de 1995

Informações: Religare Produções e Eventos
Av. Tancredo Neves, 939 - sala 1101 - Edf. Esplanada Tower Telefax.: 071 371-0305 - Tel.: 071 231-1711 - Salvador - Bahia

Dicionário de Símbolos Esotéricos



A Linguagem do Espírito 4
A 5
B 11
C 12
D 17
E 18
F 20
G 23
H 24
I 26
J 27
K 29
L 29
M 33
N 37
O 39
P 42
Q 47

R _____ *47*
S _____ *50*
T _____ *54*
U _____ *56*
V _____ *56*
Y _____ *59*

A Linguagem do Espírito

Ao ver a *Mona Lisa* pintada por Da Vinci, ler a *Divina Comédia* de Dante Alighieri ou o *Fausto* de Goethe, a grande maioria dos observadores atuais não deixará de considerá-los indiscutíveis obras-primas. Porém, sua compreensão de tais trabalhos de maneira alguma será completa: Leonardo, Dante e Goethe eram iniciados, e em suas obras estão presentes diversos elementos indicativos dos conhecimentos que possuíam nessas áreas; tais símbolos, amplificadores e enriquecedores das dimensões artísticas de cada um, hoje em dia são quase desconhecidos entre nós.

É certo que mesmo nas épocas desses mestres não havia grande número de entendedores integrais de suas obras, mas tampouco havia nos homens daqueles tempos um desprezo ao simbolismo esotérico similar ao que nossos contemporâneos lhes dedicam. Em *O Homem e Seus Símbolos* (Nova Fronteira), o psicólogo suíço Carl Gustav Jung faz referências a esse desprezo, lamentando-o: O homem moderno não entende o quanto seu "racionalismo" (que lhe destruiu a capacidade para reagir a idéias e símbolos numinosos) o deixou à mercê do "submundo psíquico". Libertou-se das "superstições" (ou pelos menos pensa tê-lo feito), mas neste processo perdeu seus valores espirituais em escala positivamente alarmante. Suas tradições morais e espirituais desintegraram-se e, por isto, paga um alto preço em termos de desorientação e dissociação universais.

O dicionário que colocamos à disposição dos leitores – extraído da edição especial "Símbolos Esotéricos", elaborada pelo ex-editor de PLANETA, Luis Pellegrini, com atualização e edição de Cristina Rosa de Almeida – certamente servirá, mesmo com seu relativamente reduzido número de verbetes, para proporcionar uma primeira idéia da amplitude dessa matéria e da grande quantidade de áreas distintas em que a ciência dos símbolos atua. Ou, mais do que isso, é tema dominante.

Dicionário de Símbolos



A

Abandono. A sensação psicológica do abandono relaciona-se, esotericamente, com a angústia, geralmente temporária, de se ter perdido de vista o "deus interno" ou "consciência de si". Considera-se esta sensação típica das crises internas pelas quais passam aqueles que percorrem os caminhos do desenvolvimento espiritual. A sensação de abandono é, desse modo, símbolo da morte e da ressurreição.

Abelha. Na linguagem hieroglífica do Egito, a figura da abelha estava relacionada com atributos de realeza, em parte por causa da organização de tipo monárquico da sociedade desses insetos, e mais especialmente por causa das idéias implícitas de indústria, atividade criativa e riqueza que são associadas à produção do mel. Na Grécia antiga, as abelhas eram símbolos do trabalho e da obediência. Nos ensinamentos órficos, as almas eram representadas por abelhas, não apenas pela associação com o mel (produto divino), mas principalmente porque elas migram em enxames. Considerava-se que também as almas emanavam da Unidade Divina em grupos parecidos a enxames. No simbolismo cristão, as abelhas são emblemas de eloqüência e diligência no trabalho; nas tradições indo-arianas e islâmicas, conservam a mesma significação espiritual da tradição órfica.

Ablução. A ação de lavar-se ou banhar-se, sejam partes do corpo ou sua totalidade, faz parte da maioria dos ritos religiosos. A ablução simboliza a purificação tanto do corpo como da alma. O uso do elemento líquido, nesse sentido purificador, tem dimensão arquetipal. Aparece nas mais distintas civilizações, desde os índios americanos a'te os cultos de origem africana (os *ebós*, ou "banhos sagrados").

Também a lei de Moisés, para os judeus, e os preceitos canônicos, para os muçulmanos, prescreve abluções rituais. No catolicismo, o simbolismo purificador do banho está implícito no sacramento do batismo, e também na cerimônia de limpeza do cálice e dos dedos com água e vinho. Em muitas tradições esotéricas, o aspirante é submetido a variadas abluções antes de passar por cerimônias iniciáticas.

Abracadabra. Palavra mágica que foi muito usada na Idade Média como fórmula de poder. Sua origem é hebraica, e o poder mágico a ele atribuído é de natureza dupla; tanto fonético como gráfica. Está relacionada com *Abraxas* e com o deus solar Mitra, simbolizando o poder sobrenatural do mesmo. É geralmente inscrita dentro de um triângulo invertido.

Abraxas. Na gnose grega, o nome *Abraxas* simboliza o Supremo Poder. Designa a divindade (o *arconte*) que rege o Sistema Solar e que concentra a potência dos planetas. A análise numerológica dessa palavra, em grego, resulta no número 365, que é o número de dias do ano solar. Abraxas é representado com corpo humano (forma divina) e a cabeça de galo (emblema da vigilância e da clarividência). Segura na mão esquerda um escudo (sabedoria) e na mão direita um chicote (poder dinâmico ou força vital). Seus membros inferiores terminam em duas serpentes (a mente ou sentido interno; a palavra criadora e a rapidez de compreensão). Esta figura costuma ser representada em um carro puxado por quatro cavalos brancos, símbolos dos quatro éteres por meio dos quais circula o poder solar através do universo.

Acácia. Símbolo maçônico da iniciação, da inocência e da imortalidade da alma. Representa a busca incessante para descobrir o mistério da morte e o segredo da imortalidade. Em muitas civilizações antigas, a acácia era considerada uma árvore sagrada.

Acrobata. Devido a suas capacidades acrobáticas, que exploram as extremas possibilidades de torção, flexibilidade, equilíbrio do corpo humano, bem como por sua capacidade de manter-se de cabeça para baixo, apoiando-se nas próprias mãos, o acrobata é considerado símbolo vivo de inversão e revolução. Ele tem, a nível corporal, a capacidade de modificar radicalmente a ordem estabelecida. Tal característica é considerada de suma importância, já que, nos momentos de crise (psicológica, espiritual, social etc.), é preciso alterar essa ordem quando a mesma já envelheceu e caducou, não mais servindo aos propósitos evolutivos.

Açucena. Símbolo da pureza. Na iconografia cristã medieval, esta

flor era emblema e atributo da Virgem Maria.

Agni. Deus do fogo na religião védica indiana. Simboliza o "éter liminífero" (*Tejas Tattwa*), o elemento básico da criação natural.

Água. O conceito de água, um dos quatro elementos básicos da natureza, estende-se de maneira geral a toda a matéria em estado líquido. Símbolo universal do princípio feminino, das emoções, do inconsciente, de todas as substâncias a água é a de interpretação mais complexa. Segundo Julius Evola, a água simboliza a vida terrestre e a natural, mas não a vida metafísica. Este elemento está sempre ligado aos conceitos de fertilização, de maternidade, de geração.

Águia. Símbolo de caráter arquetipal, pertencente a muitas mitologias, representa a força, o poder, o Sol. No cristianismo, a água assume o papel de mensageiro celestial, simbolizando a subida das orações a Deus e a descida da graça divina aos mortais. Na Idade Média, água foi usada par representar a glória e a majestade dos reis e imperadores. Na alquimia, é símbolo da volatilização. Na maçonaria, a águia é emblema de audácia, da capacidade de investigação e do gênio. A águia é, nos ares, o equivalente ao leão na terra.

Alfa e ômega. A primeira e a última letras do alfabeto grego. Simbolizam o princípio e fim de todas as coisas.

Alquimia. As primeiras informações sobre esta escola místico-ocultista de extraordinária importância aparecem nos primeiros séculos após Jesus Cristo, quando ela era intensamente praticada pelos gregos e árabes. Pouco a pouco, elementos de outras tradições (inclusive a cabala judaica e o misticismo cristão) foram a ela incorporados, enriquecendo muito o conhecimento original alquímico, que parece estar ligado às tradições herméticas e egípcias. A alquimia é, essencialmente, um processo simbólico de transformação de metais inferiores em ouro – símbolo da iluminação e da salvação. Esse processo era chamado de *Magnum Opus* ("A Grande Obra"), e envolvia várias etapas, todas elas com evidente sentido simbólico:

1ª) *Calcinação*, a extinção de todo interesse pela vida e pelo mundo manifestado, a "morte do profano"; 2ª) *putrefação*, uma conseqüência do primeiro estágio, consistindo na desunião dos resíduos destruídos; 3ª) *solução*, purificação da matéria; 4ª) *destilação*, filtragem da matéria purificada, isto é, "isolamento"dos elementos de salvação separados nas operações precedentes; 5ª) *conjunção*, o casamento dos contrários (identificado por Jung como a união psicológica do princípio masculino consciente com o princípio feminino inconsciente); 6ª) *sublimação*, o sofrimento que deriva da renúncia ao

mundo e da dedicação ao processo de busca espiritual; 7ª) *coagulação filosófica*, a união inseparável do princípio fixo (masculino, invariável) com o princípio volátil (feminino, variável). A alquimia propõe, portanto, em sentido esotérico, um processo de transmutação energético-espiritual. A mutação dos metais inferiores (emblemas dos desejos e paixões terrenas) em ouro (os valores mais altos da espiritualidade, que conferem ao homem sua plena realização interior).

Amendoeira. Por ser uma das primeiras árvores a florescer, na primavera, amendoeira simboliza o "despertar para uma nova vida", ou seja, um emblema de renovação e ressurreição. Na Occitânia medieval, a amendoeira era considerada uma representação da igreja cátara.

Ametista. Pedra semipreciosa que simboliza a humildade e a modéstia. Na Antigüidade se lhe atribuía a propriedade de induzir sonhos reveladores.

Ancião. O seu humano envelhecido é símbolo universal do saber ancestral da humanidade. Em muitas civilizações antigas, o grande respeito que se tinha pelos idosos derivava exatamente desse caráter simbólico da velhice. Na cabala judaica, o ancião é símbolo do princípio oculto.

Âncora. Símbolo da esperança. No cristianismo, usa-se a âncora associada à figura dos peixes (símbolo do cristianismo).

Anel. Símbolo popular do casamento ou união. Esotericamente, utiliza-se o anel também como símbolo de ciclo, seja cósmico, metafísico etc.

Anjo. Nas religiões monoteístas como o cristianismo, o judaísmo, o islamismo e o zoroastrismo, os anjos são considerados espíritos puros e inteligentes, de natureza sobre-humana, mensageiros ou intermediários da Divindade. Certas escolas esotéricas consideram que os espíritos planetários ou regentes de cada planeta do Sistema Solar têm embaixadores ou representantes angélicos na Terra. As funções simbólicas desses embaixadores são distribuídas da seguinte forma: *Sol* – arcanjo Miguel, símbolo da autoridade, poder e dignidade de Deus; *Lua* – arcanjo Gabriel, símbolo do nascimento e dos processos de geração; *Mercúrio* – arcanjo Rafael, o poder divino da cura e da proteção; *Vênus* – arcanjo Anael, o amor, a bondade, a arte e virtude divina; *Marte* – Samael, símbolo da energia dinâmica de Deus, da força construtiva e do entusiasmo; *Júpiter* – Zacariel, altruísmo e

generosidade; *Saturno* – Cassiel, justiça, direito e a Suprema Ordem Divina; *Urano* – Ituriel, símbolo do altruísmo e fraternidade humana.

Anjo Guardião. Chamado também de *anjo da guarda* ou *anjo custode*; seu significado esotérico não diz respeito, exatamente, a uma entidade espiritual superior, mas é o símbolo do conjunto de nossas boas ações, daquilo que de positivo e construtivo fizemos, tanto nesta vida como nas passadas. Esse conjunto personifica-se numa poderosa força interna, capaz de intervir no sentido protetor quando solicitada.

Apolo. Divindade solar grega. Símbolo das artes, da medicina, da luz e da adivinhação.

Ar. Dos quatro elementos da natureza, o ar e o fogo são considerados ativos e masculinos; a água e a terra, passivos e femininos. Em algumas cosmogonias, o fogo ocupa o primeiro lugar em ordem de importância hierárquica, e é considerado a origem de todas as coisas. Mas, em geral, considera-se o ar como o primeiro elemento. O ar comprimido, ou concentrado, cria o calor e o fogo, do qual todas as formas de vida derivam. O ar está essencialmente relacionado com três conjuntos de idéias: o respiro criativo de vida, a palavra criadora; o vento (ar dinamizado), conectado em muitas mitologias com a idéia de criação; e, finalmente, o próprio espaço, como meio onde se produzem os movimentos e onde emergem os processo da criação e desenvolvimento da vida. Luz, luminosidade, bem como o sentido do olfato, estão relacionados com o importante simbolismo do ar.

Arca. O mito bíblico da arca de Noé simboliza a preocupação e o poder de preservar todas as coisas criadas, bem como de assegurar o seu renascimento. Tal interpretação é válida tanto no plano físico como no espiritual.

Arco-íris. Entre os antigos gregos, simbolizava a união entre o reino dos deuses e a Terra. Modernamente, foi adotado pelos rosa-cruzes como emblema da união e do perdão divino.

Artes marciais. As técnicas de defesa e ataque aparecem em quase todo o mundo, mas é nos países do Extremo Oriente, notadamente China e Japão, que as artes marciais atingiram seu maior desenvolvimento e a plenitude de seus objetivos. O judô, karatê, tai chi chuan, kendô etc., são sistemas de luta corporal baseados na filosofia taoísta (China) e no zen-budismo (Japão). Esses sistemas simbolizam jogos ou combinações das forças ativa e passiva da natureza e do homem, e a sua prática é um aprendizado filosófico.

Árvore. Símbolo universal do conhecimento secreto e sagrado, a

árvore esteve sempre relacionada com as forças ocultas da natureza, representando também o nexo de ligação entre o mundo terreno e o mundo divino. Quase todas as civilizações e grandes religiões tiveram uma ou mais árvores sagradas – por exemplo, a figueira (*bodhi*) dos hindus; o abeto e sicômoro, egípcios; o carvalho, dos druidas; o cipreste, dos mexicanos; etc.

Astrologia. Na astrologia, a série planetária – Sol, Lua Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e Plutão – expressa os modelos ou arquétipos do mundo moral, cada astro representando um duplo aspecto (positivo/negativo) de qualidades, que transfere aos signos que rege. A seqüência dos 12 signos do zodíaco representa todo o ciclo da existência, dede o primeiro impulso da criação até a emancipação espiritual. É o seguinte o simbolismo básico de cada um deles:

Áries (21/03 a 20/04) – do fogo, regido por Marte. Liderança, decisão e entusiasmo ou impulsividade, cólera e desejo de destruição.

Touro (21/04 a 20/05) – da terra, regido por Vênus. Perseverança e afetividade ou avareza e preocupação excessiva com prazeres materiais.

Gêmeos (21/05 a 20/06) – do ar, regido por Mercúrio. Inteligência, versatilidade e curiosidade mental ou inconstância e instabilidade.

Câncer (21/06 a 21/07) – da água, regido pela Lua. Sensibilidade e poder de imaginação ou emotividade exacerbada e apego ao passado.

Leão (22/07 a 22/08) – do fogo, regido pelo Sol. Poder, energia, generosidade e otimismo ou ambição, despotismo, tirania e cólera.

Virgem (23/08 a 22/09) – da terra, regido por Mercúrio. Caráter metódico e ordenado ou nervosismo e sentido crítico exagerado.

Libra (23/09 a 22/10) – do ar, regido por Vênus. Sociabilidade, senso de justiça e refinamento ou depressão, autocomplacência e pessimismo.

Escorpião (23/10 a 21/11) – da água, regido pelos planetas Marte e Plutão. Energia e tenacidade ou excesso de sensualidade e caráter vingativo.

Sagitário (22/11 a 21/12) – do fogo, regido por Júpiter. Otimismo, entusiasmo e boa vontade ou falta de perseverança e superficialidade.

Capricórnio (22/12 a 20/01) – da terra, regido por Saturno. Caráter laborioso, reflexivo, responsável ou rigidez e dogmatismo.

Aquário (21/01 a 19/02) – do ar, regido por Urano e Saturno. Caráter original e independente ou inércia e idéias subversivas.

Peixes (20/02 a 30/03) – da água, regido por Netuno e Júpiter.

Piedade, intuição e espírito de sacrifício ou passividade e anulação.

Atena (Palas Atena). Deusa grega, símbolo da sabedoria, das artes e da ciência. Equivale à Minerva romana.

Aum. Sílaba sagrada e mística sânscrita. Representa o fundamento de todos os sons, e emana da própria vibração cósmica primordial. É usada como símbolo da divindade (*Brahma*), e é considerada um *mantra* de grande valor energético sutil.

Auréola. Muitos santos cristãos e divindades de outros sistemas religiosos são representados circundados por uma coroa luminosa, ou por um campo de luz que envolve toda a sua figura. Trata-se de uma representação simbólica da aura de luz que, segundo clarividentes, emana dos santos ou pessoas de elevado padrão espiritual.

B

Babilônia. Esta cidade simboliza a existência corrupta, tanto do indivíduo quanto da sociedade, em oposição à Jerusalém celestial ou Paraíso. No sentido esotérico, simboliza o mundo sólido ou material, no qual acontecem os movimentos de evolução e involução do espírito ou, em outras palavras, a penetração da matéria pelo espírito.

Batismo. Rito baseado no simbolismo da água (elemento líquido), que limpa e purifica. Sua difusão é bem anterior ao cristianismo. Os hindus, por exemplo se submergem nas água do Ganges, seu rio sagrado, para purificar-se. Com o mesmo fim mergulhavam nas águas do rio Nilo os aspirantes à iniciação do antigo Egito. Esse rito era também muito difundido na teurgia caldaica primitiva, nos mistérios órficos e eleusianos da Grécia, bem como entre os zoroastristas e os essênios. Por seu lado, no Oriente, os tibetanos utilizam como líquidos purificadores não apenas a água, mas também certos óleos vegetais, o vinho, o mel, o sangue e a urina de vaca. No catolicismo, a purificação pelo batismo tornou-se um sacramento.

Besta do Apocalipse. Alegoria bíblica que representa o processo involutivo da matéria e do espírito. Foi, algumas vezes, utilizado como símbolo do princípio feminino em seu aspecto

corruptor e tentador, e particularmente como emblema da estagnação do processo evolutivo.

Borboleta. Nas tradições antigas, este inseto simbolizava a alma e a atração inconsciente exercida pela luz (o espírito). A psicanálise interpreta a borboleta como símbolo de renascimento, por causa do processo de metamorfose característico, em que a lagarta, após um período de incubação, reaparece na forma de borboleta.

C

Caduceu. Cetro do deus Mercúrio. Vara entrelaçada com duas serpentes que na parte superior tem duas pequenas asas ou um elmo alado. Esotericamente, o caduceu simboliza o caminho da iniciação. A vara do caduceu corresponde à coluna vertebral, e as duas serpentes representam a ascensão das duas modalidades da energia *kundalini* (energia vital latente) que se concentra no chacra (centro energético) localizado na base da espinha dorsal. Trata-se de um símbolo muito antigo, encontrado na Suméria e na Índia, gravado em pedra. Na Grécia, foi utilizado como atributo do deus Mercúrio. O caduceu é considerado também emblema do equilíbrio moral e da boa conduta: nesse caso, o bastão expressa o poder; as serpentes, sabedoria; as asas, diligência; e o elmo expressa os pensamentos elevados.

Caminho. O conceito de caminho, ou sua imagem visual, constitui, no esoterismo, um símbolo da trajetória ou curso de um treinamento oculto; as diversas etapas de um caminho representam os distintos graus de um progresso individual.

Candelabro. Utilizado em muitas religiões para suportar velas, o candelabro é símbolo da luz espiritual como elementos de salvação. O número de seus braços tem significado preciso, aludindo a sentidos cósmicos, místicos e cabalísticos.

Cão. Símbolo universal da fidelidade, por ser esta a sua qualidade mais característica. Esse animal está também associado a muitas divindades de cura, como, por exemplo, o orixá Obaluaiê, do candomblé e umbanda.

Catástrofe. Situações catastróficas, sejam as criadas por forças telúricas (terremotos, maremotos, tufões, raios etc.) ou de quaisquer outros tipos (psicológicas, sociais, políticas, financeiras etc.) constituem símbolo geral de mudança ou mutação. Representam muitas vezes, para o indivíduo que, por exemplo, sonha com uma catástrofe, o início de um processo de transformação psíquica. O caráter particular de uma catástrofe constitui, por sua vez, importante simbolismo secundário, e deve ser levado em conta. Por exemplo, o elemento *ar*, no caso do furacão; o elemento *fogo*, num incêndio; a *água*, num maremoto; a *terra*, num terremoto. O sentido transformador positivo ou negativo de uma catástrofe depende, assim, do agente que a motiva.

Cavalo. Animal de simbolismo complexo, presença constante em quase todas as mitologias. Está quase sempre associado às idéias de força e mobilidade. Representa, no plano biopsicológico, os instintos e desejos exaltados, também atributos de uma outra figura mitológica, o Centauro. Está relacionado com a água (em conexão com Netuno e Plutão) e com o vento (por sua velocidade na corrida). Assume o papel de Pégaso, como cavalo alado das musas, símbolo da poesia. Finalmente, como o Hipogrifo das lendas medievais, simboliza o poder ascensional da espiritualidade.

Caveira. O crânio humano simboliza, de forma geral, o caráter transitório e perecível da existência. É o que resta do ser humano após a destruição do corpo, adquirindo assim o sentido de "receptáculo da vida". Os alquimistas utilizaram nesse sentido o símbolo da caveira, um emblema do "recipiente da transmutação".

Caverna. Em psicologia, a caverna possui simbolismo complexo, sendo considerada um emblema geral do inconsciente profundo. Esotericamente, a caverna é identificada com o coração humano como centro espiritual e secreto.

Ceres. Deusa latina da terra, identificada com a Deméter grega, a quem eram consagrados os mistérios de Elêusis. Simboliza a força criadora da natureza; protegia a agricultura e as riquezas terrenas. Esotericamente, Ceres/Deméter representa o princípio feminino gerador que anima todo gérmen material no universo manifestado.

Cetro. O bastão é atributo de reis, imperadores e chefes: é símbolo do poder, análogo à varinha mágica, ao raio, ao falo, ao martelo.

Céu. Na maioria das religiões de massa, o conceito de céu significa o estado de beatitude alcançado pelos justos após a morte.

Esotericamente, o céu simboliza o estado feliz de consciência, ou de bem-aventurança, que se adquire após superar duras provas iniciáticas e ultrapassar os limites da consciência comum, penetrando nos estados de consciência superior.

Chave. Símbolo da iniciação e do saber. Nas escolas tradicionais antigas, a chave continha significação muito importante: recordava, aos candidatos à iniciação, a obrigação do silêncio, e prometia aos profanos a revelação de mistérios profundos e quase impenetráveis.

Chumbo. Metal que corresponde ao planeta Saturno. Em seu aspecto positivo, é emblema da prudência, austeridade, severidade, concentração, isolamento e paciência. Em seu aspecto negativo, representa o egoísmo, a preguiça, o temor, a preocupação e a opressão.

Cidade das Nove Portas. Expressão simbólica do corpo humano, com suas nove aberturas ou orifícios através dos quais ele se relaciona e comunica com o mundo exterior.

Círculo. Símbolo universal ou arquétipo da totalidade ou da eternidade. Representa a perfeição divina e perpetuidade de Deus. O círculo ou disco é emblema de tipo solar. Junto à roda e à esfera, simboliza também o dinamismo psíquico, o mundo manifestado, a unidade interna da matéria, tudo que é preciso e regular; a harmonia universal. *Simples:* o infinito, o universo, a totalidade; *com ponto no cento:* a primeira manifestação do princípio criativo divino; *dividido (por uma reta horizontal):* a primeira divisão do Princípio Divino em duas polaridades opostas e complementares (masculina e passiva); *com cruz no interior:* o momento da criação, quando o princípio masculino impregna o feminino; *com triângulo no interior:* o princípio espiritual ou ternário dentro da totalidade; *com quadrado no interior:* o princípio material ou quaternário dentro da totalidade.

Círculo mágico. São desenhos geométricos ou diagramas traçados usados na magia cerimonial. São encontrados nas mais diversas religiões e escolas tradicionais no Oriente, no Ocidente e também na África; simbolizam os mistérios da criação, as divindades e o universo. Os “pontos traçados” do candomblé e da umbanda são exemplos típicos.

Cisne. Na mitologia clássica, era animal consagrado ao deus Apolo, e também a Afrodite (Vênus) e a Leda. No simbolismo cristão, evoca a idéia de pureza. Junto ao pelicano, é, para os rosa-cruzes, símbolo místico do ocultismo. O cisne tem dupla função simbólica: masculina (por seu pescoço longo de aparência fálica) e feminina (pelas formas

arredondadas e sedosas de seu corpo).

Cobre. Metal de Vênus. Simboliza, em seu aspecto positivo, o amor, a fecundidade e a capacidade criadora. Em seu aspecto negativo, está relacionado com a luxúria. As qualidades físicas de maleabilidade e durabilidade do cobre são importantes para a compreensão de seu simbolismo.

Coluna. O símbolo da coluna é freqüente em muitas escolas iniciáticas e de sabedoria. Representa quase sempre os conceitos filosóficos e éticos sobre os quais repousa a instituição. Por exemplo, na maçonaria o "ritual das colunas" significa, simbolicamente, que as lojas estão sustentadas por três grandes pilares que representam a Sabedoria, a Força e a Beleza.

Compasso. Junto ao esquadro, com o qual se apresenta entrelaçado, o compasso é um dos mais importantes símbolos maçônicos. Representa a justiça, com a qual deve-se medir os atos dos homens.

Cor. As cores do espectro solar constituem também símbolos universais, utilizados desde as épocas mais remotas. As cores, esotericamente, são consideradas vibrações cósmicas. Entre os significados simbólicos das cores destacam-se: *vermelho* – valentia, ousadia, virilidade, calo, paixão; no catolicismo, o vermelho-encarnado representa o amor e o martírio; o vermelho-púrpura é emblema dos príncipes da Igreja; *azul* – bondade, lealdade, glória, caridade; *verde* esperança, força, honra, juventude, beleza, purificação, regeneração, natureza; liturgicamente, é símbolo de esperança; *violeta* – prudência, modéstia, escrúpulo, amor à verdade, arrependimento, remorso; liturgicamente, simboliza penitência; *amarelo-alaranjado* – confiança, intuição, constância, fé, sabedoria, intelecto; *branco* – pureza e alegria; *negro* – liturgicamente, simboliza luto; em psicologia, representa o inconsciente; esotericamente, representa a "noite escura da alma", etapa de angústia existencial pela qual passa todo aquele que percorre uma senda iniciática, antes de chegar a um plano superior de consciência.

Coração. Um dos mais importantes e universais símbolos esotéricos. A maioria das escolas iniciáticas considera, basicamente, a existência de três centros vitais e espirituais no ser humano: o cérebro, o coração e o sexo. O coração, centro do meio, concentra e equilibra os outros dois. O coração era a única víscera que os egípcios deixavam no interior da múmia, como "centro" necessário ao corpo para a eternidade. Tradicionalmente, o coração foi considerado a

verdadeira sede da inteligência, já que a ele corresponde o cálido e luminoso Sol (ao cérebro corresponde a luz fria e refletida da Lua). Por outro lado, a importância do amor, na mística, reside no fato de que ele se expressa por meio do coração. Amar é acionar a força de um centro (o coração), o qual estimula e impulsiona os outros centros. Dessa forma, o coração é o símbolo magno do amor, iluminação espiritual e felicidade.

Corno. Desde a mais remota antigüidade, os cornos ou chifres simbolizaram a idéia de força e potência, elevação e poder, dignidade e fertilidade. Muitos deuses, deusas e heróis foram representados portando cornos – por exemplo, Moisés. Os cornos, como símbolos, apresentam duas formas principais: os do tipo do carneiro, de significação solar (Áries); os do tipo do touro, de significação lunar (Touro). No cristianismo, em conseqüência de uma reversão, os cornos se converteram em representação da violência e do mal, sendo assim transformados em atributos corporais de demônios. Modernamente, certas escolas ocultistas interessadas no estudo das energias sutis do ser humano (energia etérica e astral) consideram os cornos como símbolos de *chacras*, emanações energéticas importantes, as quais, nesse caso, aparecem na região da cabeça de certos indivíduos que alcançaram um alto grau de desenvolvimento espiritual.

Coruja. Esta ave é um antigo símbolo popular da morte e da desgraça. Esotericamente, devido ao seu hábito de voar à noite e conseguir enxergar nas trevas, a coruja representa a consciência em permanente estado de vigília, e a sabedoria que daí advém.

Cruz. Símbolo extremamente antigo e de caráter universal, apresenta número imenso de variações e assume sentido religioso e esotérico para diversos povos. Em todas as culturas, seu significado arquetípico é o da união dos opostos: o eixo vertical (masculino) e o eixo horizontal (feminino). No cristianismo, é o emblema máximo. Para a teosofia, traz a idéia do homem regenerado, aquele que conseguiu integrar harmoniosamente suas duas partes e que, "crucificado" como mortal, renasce como imortal. Na simbologia rosa-cruz, evoca os quaro reinos da natureza. Como símbolo da "Árvore da Vida", representa o "eixo do mundo": a ponte ou escada através da qual a alma pode chegar a Deus.

D

Dança de Shiva. As imagens de metal ou de pedra de Shiva, divindade hindu de primeira magnitude, representam-no em geral no seu aspecto de *Nataraja*, o "o senhor da dança". Segundo esse mito, através de sua dança Shiva cria o universo, desencadeando com seus movimentos o processo de criação das formas manifestadas. A imagem dessa divindade, simbolizando um processo cósmico de geração, representa as cinco ações divinas: a criação do universo; sua conservação; sua destruição; a encarnação das almas; a sua liberação. As civilizações tradicionais tinham muito desenvolvida consciência de que no universo nada está parado; tudo se movimenta e se transforma, obedecendo a leis cósmicas relativas à dinâmica universal. A dança, no seu contexto sagrado, nunca foi, dessa forma, um ato puramente lúdico ou estético. Ela tem um significado religioso de primeiríssima importância, pois é através da dança que o ser humano experimenta e vivencia, em si mesmo, essa dinâmica universal. A dança é, desta forma, símbolo universal dos processos cosmogônicos e de regeneração do mundo.

Demônio. A palavra deriva do grego *daimon* (espírito ou gênio). O conceito primitivo de demônio é bem distinto de sua interpretação atual de tipo cristão. Na Antigüidade, e esmo na época da Grécia clássica, os demônios eram considerados gênios da natureza e podam ser tanto maléficos como benéficos. Mais propriamente, são considerados entidades intermediárias ou mensageiros entre os homens e os deuses. A significação simbólica dos demônios sofreu mudança radial com o desenvolvimento das religiões cristãs, que os identificam com o espírito do mal, os anjos caídos ou rebeldes comandados por Satanás ou Lúcifer. Na mitologia afro-brasileira, as entidades chamadas *Exus* são tradicionalmente consideradas como as que mais correspondem ao sentido primitivo de demônio.

Diamante. Pedra preciosa, aparece com freqüência nos emblemas esotéricos, como, por exemplo, nas sociedades rosa-cruzes. O diamante representa o "centro místico irradiante", e simboliza a luz e o próprio adepto. No budismo vajrayana (*vajra:* diamante), típico do Tibet, essa pedra está conectada com o Sol, é atributo das divindades

mais importantes e simboliza também o próprio poder divino.

Dionísio. Chamado *Baco* pelos romanos, Dionísio (ou Dioniso) é um dos importantes de todos os deuses gregos. Divindade ligada à natureza, ao vinho e ao delírio místico, era filho de Zeus e de Semele. Perseguido pelo ciúme da deusa Hera (a Juno romana), enlouqueceu e durante muito tempo percorreu o mundo, levando ora a alegria, ora o terror aos homens. Foi purificado por sua avó Réa (deusa da terra), que o iniciou em seus mistérios. Dionísio é representado pela figura de um belo jovem que carrega nas mãos uma taça ou bastão rodeado de ramos de videira ou de hera. Ele é símbolo da força geradora da natureza e do desencadeamento ilimitado dos desejos, das emoções, dos instintos. O culto a Dionísio contrapõe-se ao culto solar de Apolo. Este último é mais associado ao conhecimento obtido pelo intelecto e pela razão, enquanto Dionísio inspira a sabedoria conquistada pelos instintos.

Dragão. Forma mítica monstruosa , o dragão é geralmente representado como um ser com cauda de serpente, garras de leão e asas de águia. O aspecto geral é de um réptil fantástico. É símbolo universal da animalidade e dos instintos primitivos. Por isso, em várias mitologias ocidentais, deuses, santos e heróis se distinguem por terem enfrentado e vencido um dragão (Hércules, Apolo, Perseu, Sigfrido, São Jorge e São Miguel, entre outros). Já nas religiões orientais, notadamente no Tibet, China e Japão, o dragão simboliza a sabedoria, a imortalidade e o renascimento. Em psicologia, o dragão não é necessariamente um símbolo maléfico, podendo significar a irrupção ou intervenção de instintos profundos e primitivos.

E

Eros. O deus do amor, na Grécia, chamado Cupido pelos romanos. É a terceira pessoa da primitiva tríade helênica – Urano, Geia, Eros (Céu, Terra, Amor). Esotericamente, Eros simboliza a força criadora da natureza em seu sentido abstrato.

Escada. A imagem da escada, uma sucessão de degraus, simboliza

a idéia de ascensão, graduação e comunicação entre diversos planos da consciência ou planos existenciais. Expressa também o momento de ruptura de nível que torna possível a pasagem de um mundo para outro (de um plano de consciência para outro), bem como a comunicação entre a Terra, o Céu e o Inferno.

Escaravelho. Venerado pelos antigos egípcios, este inseto (*Scarabeus Sacer*) era o símbolo do princípio masculino solar. Com o nome de *Kepri*, era um emblema do deus do Sol no ato de empurrar o disco solar através do céu. Tal simbolismo deriva do hábito característico desse inseto, que é formar uma pequena esfera feita de terra ou lama seca e empurrá-la por longas distâncias, rolando essa bola com as patas dianteiras.

Espada. Símbolo muito usado na magia e no misticismo medieval, a espada representa o espírito ou a palavra de Deus. A espada de ouro é emblema supremo da realização espiritual. Do ponto de vista esotérico, a espada representa o extermínio físico e a determinação psíquica dentro do caminho cósmico do sacrifício. O simbolismo da espada está ligado à idéia da ação da justiça.

Espelho. Símbolo do pensamento ou da consciência inferior, por sua capacidade de reproduzir as imagens do mundo visível. Aparece com freqüência como objeto dotado de poderes mágicos, ao suscitar aparições ou imagens do passado ou do futuro. O espelho aparece também como "porta" através da qual a alma pode dissociar-se e "passar para o outro lado". Por sua condição refletora e passiva, o espelho simboliza também o caráter feminino e de tipo lunar.

Espiral. Um dos mais importantes símbolos universais, a espiral representa o arquétipo do cosmos, e simboliza o processo evolutivo do universo. No sistema hieroglífico egípcio, a espiral denota as formas cósmicas em movimento, ou a relação entre a unidade e a multiplicidade, entre o centro e o círculo.

Estanho. Metal correspondente ao planeta Júpiter. Em seu aspecto positivo, o estanho simboliza justiça e benevolência; em seu aspecto negativo, relaciona-se com os vícios da cobiça e gula.

Estrela. Símbolo universal do espírito. Esotericamente, a aparição de uma estrela simboliza o aparecimento de uma possibilidade de realização espiritual. *De cinco pontas:* veja o verbete específico; *de seis pontas:* as naturezas masculina e feminina se interpenetram e se harmonizam, conservando sua individualidade.

Estrela de Belém. A Bíblia e a tradição cristã consideram a

aparição da Estrela como um fato real, de caráter sobrenatural ou milagroso, testemunhado pelos Reis Magos em sua viagem até o menino Jesus. Na mística esotérica, a Estrela de Belém tem caráter simbólico ou alegórico, significando a intuição superior e a fé que orienta todo verdadeiro místico em sua busca do "Espírito do Sol-Cristo".

Estrela de cinco pontas. A estrela de cinco pontas (pentagrama) é símbolo do homem ou microcosmo, revelando a sua analogia e identidade co o universo ou macrocosmo. Suas cinco pontas representam: a superior, a cabeça, as laterais, os dois braços; as inferiores, as duas pernas. Esta é uma postura que procura refletir, em termos de estado de consciência, um equilíbrio ativo e a capacidade de compreensão que deve possuir cada homem para transformar a si mesmo num centro irradiante de vida "como uma estrela no firmamento". Esta figura geométrica pentagonal representa também um cânone estético arquetipal denominado "divina proporção". Este cânone foi aplicado nas mais importantes obras de artes plásticas e arquitetura, durante a Antigüidade clássica (principalmente na Grécia pitagórica) e no Renascimento (Leonardo da Vinci etc.). Como fonte de luz e inspiração celestial, a estrela de cinco pontas é considerada, esotericamente, emblema do princípio inspirador do bem, do verdadeiro e do belo, tanto no mundo como no homem. Colocada com uma ponta em cima é usada nas operações de magia branca, com pólo atrativo de energias cósmicas benéficas; com duas pontas em cima e uma ponta embaixo (ou seja, invertida), é usada na magia negra com finalidade obviamente contrária.

F

Falcão. Ave sagrada dos egípcios, consagrada ao deus Hórus, análoga à água. O falcão é símbolo da alma.

Falo. O órgão sexual masculino é símbolo universal da fertilidade, da força produtiva da natureza, da energia ativa do princípio masculino. O culto fálico está presente em praticamente todas as

civilizações primitivas e antigas, especialmente no antigo Egito, na Grécia clássica, em Roma e em tribos do continente americano e africano. Mas é na Índia, até nossos dias, que os cultos fálicos encontram sua expressão mais desenvolvida e espiritualizada, sem conteúdos ou conotações obscenas.

Fauno. Divindade menor do panteão greco-romano, os faunos eram gênios campestres ligados à vida nômade e pastoril. Simbolizam os sonhos amorosos do homem, não necessariamente caracterizados por desejos físicos ou sexuais. Os faunos eram os protetores dos bosques, dos parques e dos pequenos animais domésticos. O protótipo do fauno é o deus grego Pã, representado com cabeça e tórax de homem e quadris e pernas de bode. Pã traz também um par de chifres caprinos na cabeça e exímio tocador de flauta.

Fausto. No século 16, na Alemanha, viveu um certo doutor Johan Faust, experto em magia, alquimia e cabala. Este personagem real provavelmente deu origem a um dos mais importantes e universais mitos esotéricos e psicológicos, traduzido na lenda de "Fausto e Mefistófeles", a história do homem (Fausto) que vende a alma ao diabo (Mefistófeles) em troca de poder e sabedoria. Na realidade, ambos os personagens representam aspectos da alma humana, inquieta e ambiciosa, faminta de conhecimento das supremas verdades. Esse mito ganhou, com o passar do tempo, proporções arquetipais. O conflito de Fausto e Mefistófeles simboliza não mais apenas o homem como indivíduo, mas a própria humanidade, sonhadora e descontente, com suas aspirações e suas fraquezas.

Fênix. Figura mitológica representada por uma ave que morre e renasce das próprias cinzas. Diz a lenda que a fênix, quando sentia aproximar-se o fim, reunia um monte de madeira e palha seca e o expunha aos raios do Sol para que ardesse, atirando-se em seguida às chamas. Da medula de seus ossos nascia então um novo pássaro, rejuvenescido e renovado. A fênix é símbolo da imortalidade da alma, e também do caráter cíclico dos acontecimentos. Na alquimia, representa a regeneração eterna da vida universal.

Ferro. Metal correspondente ao planeta Marte, de caráter masculino ou ativo. Em seu aspecto positivo, simboliza a força e a atividade construtiva; em seu aspecto negativo, representa a cólera e a violência.

Flauta. Instrumento musical consagrado ao deus Dionísio, na Grécia antiga. Pela sua forma, bem como pelas características eróticas de seu som, a flauta pertence à vasta gama de símbolos fálicos. Contudo, pelo metal característico de sua confecção (prata), e por ter sonoridade que

estimula e libera conteúdos emocionais, está mais relacionada com a Lua e o princípio feminino. Diz a lenda que o sábio Platão não recomendava o uso da flauta, considerando que o som por ela emitido perturbava a tranqüilidade da alma.

Flor. Em muitas escolas esotéricas a flor simboliza a fugacidade das coisas, a beleza e a primavera. No Oriente, pela sua forma mais comum, a flor representa também os "centros energéticos espirituais", os *chacras*. O conceito da "flor de ouro", na mística chinesa, é um símbolo transcendental taoísta que alude à vitória espiritual.

Fogo. Os quatro elementos básicos da natureza são símbolos universais de grande importância. Dos quatro, o fogo é o que mais constantemente acha-se associado às religiões, desde os tempos pré-históricos. Inicialmente símbolo do Sol e da divindade, nas civilizações antigas (Mesopotâmia, Índia, Egito), o fogo foi posteriormente convertido em símbolo da própria alma e vida humanas. Esotericamente é representação ou reflexo mais perfeito da "Chama Una", o princípio divino, que é, por sua vez, e como conceito, o mais alto símbolo de toda a humanidade. O fogo representa a vida e a morte, a origem e o fim de todas as coisas, e nesse sentido é um dos mais importantes emblemas de transformação e regeneração. Paracelso estabelecia a igualdade o fogo c e da vida: ambos, para subsistir, necessitam consumir. Como sinônimo de vida, o fogo tem muitos aspectos: ele pode ser encontrado tanto a nível da paixão animal e do erotismo (o "fogo da paixão") como a nível dos mais ingentes esforços espirituais. Ele alcança e transcende o plano do bem (calor e energia vital) e o plano do mal (destruição e conflito). Tem a função de purificador supremo, como no caso das cremações ritualísticas de cadáveres, uma tradição nacional indiana. Em muitas civilizações praticam-se rituais de travessia do fogo (caminhar sobre brasas), sempre com o sentido explícito de transcendência da condição humana.

Fóssil. Num sentido geral sua significação corresponde à da pedra; entretanto, devido a seu caráter ambivalente (o fóssil petrificado já foi uma criatura viva), alcança e reúne os conceitos de tempo e eternidade, vida e morte, a evolução das espécies e a sua petrificação.

G

Galo. Na Grécia antiga, o galo era uma ave consagrada a Esculápio e conectada aos deuses Hermes e Atena (Mercúrio e Minerva romanos), divindades do intelecto e da sabedoria. O galo simbolizava a atividade e a consciência de vigília e está relacionado com a morte e a ressurreição. É considerado, no ocultismo, uma das aves mais magnéticas e sensíveis.

Gato. Associado desde tempos imemoriais com os poderes do sobrenatural, o gato é considerado o mais mágico de todos os animais. Felino de natureza enigmática, foi animal sagrado em muitas civilizações, em especial no antigo Egito, onde foi elevado à categoria de divindade. Era considerado um símbolo lunar, consagrada às deusas Ísis e Bast, esta última divindade com corpo de mulher e cabeça de gato. Nas práticas ocultistas, considera-se o gato um excelente doador de magnetismo animal, fluido vitalizador que, em certas circunstâncias, pode ser absorvido pelo homem em seu benefício. Outras escolas atribuem também ao gato a capacidade de absorver detritos ou escórias energéticas eliminadas pela presença humana, detritos esses que podem permanecer no ambiente, contaminando-o. Esotericamente, o gato é símbolo da vigilância e da proteção. Em muitos templos do Oriente (por exemplo, nos templos budistas da Tailândia e outros países do Sudeste asiático), a presença dos gatos é constante. Atuariam, segundo crença local, não apenas como purificadores do ambiente, mas também como guardiões alertas contra a penetração de entidades maléficas provenientes de planos existenciais sutis. Na moderna psicologia, o gato é um dos símbolos ligados ao princípio ou força feminina, ao mundo onírico e irracional.

Gesto. A rigor, todas as expressões, posturas, atitudes, movimentos executados pelo corpo humano, em sua totalidade ou por partes dele, podem ser considerados manifestações do espírito. Esotericamente, uma enorme quantidade de gestos possui significado simbólico, e a sua prática exerce poderosa influência sobre o inconsciente humano. Assim, por exemplo, a postura de genuflexão induz e simboliza humildade; as mãos justapostas sobre o peito representam a elevação do pensamento e favorecem as orações; os gestos de súplica, o sinal

da cruz etc., são todos símbolos religiosos. A civilização que provavelmente mais desenvolveu a linguagem simbólica dos gestos é a hindu (ver verbete *mudra*). Também a moderna psicologia se interessa pela linguagem gestual, considerada pelos especialistas como uma expressão da personalidade e do caráter do indivíduo.

Gral. O objeto misterioso que, segundo a lenda medieval, é o cálice com que Jesus instituiu a Eucaristia (segundo outras correntes, é a bandeja na qual foi servido o cordeiro pascal durante a Última Ceia). A busca posterior do Santo Gral foi tema muito importante na literatura da Idade Média, influenciando a poesia e a mitologia da Inglaterra (o Rei Artur e seus cavaleiros da Távola Redonda), a Alemanha (o mito de Parsifal) e também sociedades secretas importantes como a Ordem dos Templários e o catarismo. O Santo Gral é um dos símbolos legendários de maior importância, complexidade e beleza. A posse desse objeto outorgaria juventude eterna a seu possuidor. Segundo Manly Palmer Hall, "a busca do Santo Gral foi a mais misteriosa e importante das legendas cavalheirescas. O sangue de Cristo, sempre fluindo no interior do Gral, simboliza sua verdadeira doutrina, e o cálice que o contém, sua escola esotérica, o cálice de seus adeptos. A busca do Gral representa a aventura espiritual da regeneração, e as provas e tribulações dos cavaleiros simbolizam as etapas da iniciação nos mistérios espirituais do Cristo."

Grifo. Animal fabuloso, com cabeça de águia, corpo de leão e cauda de serpente. A união da águia e do leão, dois animais de caráter nitidamente solar, indica a tendência benéfica do grifo. Sua origem remonta à Babilônia, e esotericamente o grifo simboliza as forças protetoras e vigilantes que se encontram junto aos caminhos iniciáticos verdadeiros, assegurando proteção àqueles que os percorrem.

H

Hara. No zen-budismo, denomina-se *hara* um manancial de energias

vitais, ou dentro energético, que compreende duas partes: uma associada ao plexo solar, cujo sistema de nervos regula os processos digestivos e os órgãos de eliminação, e outra situada entre o umbigo e a pélvis, considerada o centro energético de gravidade ou de equilíbrio do corpo. Os mestres japoneses do zen relacionam o *hara* com as forças do inconsciente profundo. Assim, o *hara* é o símbolo do homem completo, unido a forças vitais profundas que esse homem reúne ou esconde em si mesmo.

Harpa. O significado simbólico desse instrumento musical é o de ponte entre o mundo celestial e terrestre. Em sua forma primitiva e incipiente (a lira grega), era consagrada ao deus Apolo. Era o instrumento predileto do filósofo Platão.

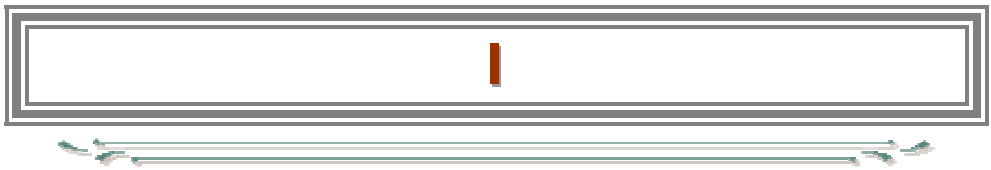
Hathor. Importante deusa egípcia, símbolo do caos primitivo e da noite. É representada na forma de uma vaca dando de mamar ao deus Hórus, ou então com o corpo de mulher e cabeça de vaca, ou ainda como uma bela mulher portando dois chifres de vaca no alto da cabeça.

Hórus. Deus solar do antigo Egito, filho de Ísis e Osíris. Representado co o corpo de homem e cabeça de falcão, Hórus simboliza o Sol nascente, em seu duplo caráter de vencedor das trevas e como elemento renovador da vida.

Hermafrodita. Ser que reúne em si as características físicas e psicológicas de ambos os sexos, masculino e feminino, o hermafrodita é também um símbolo universal ou arquetipal de origem extremamente remota. Na numerologia, explica-se que a figura do hermafrodita é uma conseqüência da aplicação do simbolismo do número dois ao ser humano, criando uma personalidade que está integrada apesar da sua dualidade. Considera-se, esotericamente, que a condição de androginia (equilíbrio anímico entre as energias masculinas e femininas existentes em todo ser) é condição necessária para que seja possível a passagem a um estado subseqüente – o da "consciência integrada".

Herói. O culto do herói floresceu na maioria das civilizações antigas motivado não apenas pelas exigências da guerra, mas também (e principalmente) pelas virtudes inerentes à figura heróica: coragem, inteligência, força, lealdade etc. O pensamento esotérico distingue, contudo, dois tipos de heróis, diretamente relacionados com os dois tipos de guerra: a "pequena guerra sangrenta" e a "grande guerra santa". A primeira significa os combates necessários no mundo terreno, tais como as guerras materiais contra povos inimigos; a

segunda, a “verdadeira guerra”, era de natureza interna, a luta contra o caos e as tentações oferecidas pelas forças das trevas. Neste sentido, o primeiro objetivo do herói é vencer a si mesmo. Ou seja, ainda uma vez, conseguir transcender os estreitos limites da consciência comum, ordinária, para atingir os amplos domínios da consciência maior ou cósmica.



Incenso. A queima de essências ou resinas aromáticas, produzindo uma fumaça perfumada que impregna o ambiente, é parte integrante de rituais mágico-religiosos na maioria dos povos, tanto do Oriente como do Ocidente. O uso dos incensos, como o uso dos perfumes, está ligado à simbologia dos aromas em geral. Charles Leadbeater, autor teosofista, assim explica as funções mágicas e simbólicas do incenso: “O significado do incenso é, ao mesmo tempo, simbólico, honorífico e purificador. Ascende até Deus como um símbolo das orações e da devoção do fiel, mas também esparrama no interior do templo ou da habitação o doce sabor simbólico da bênção divina. É oferecido em sinal de respeito, como o foi nas religiões mais antigas; mas é também usado como uma idéia definida de purificação.” Vale notar que, além dos odores perfumados, a fumaça em si mesma tem grande importância em certos rituais de civilizações primitivas, como veículos de poderes mágicos. É comum, por exemplo, entre os índios brasileiros e os africanos, o uso da fumaça do tabaco como panacéia mágica e terapêutica, tanto pra a cura de doenças físicas como espirituais.

Indra. Na antiga Índia, Indra era o Senhor dos Deuses Celestes. Seu atributo é o raio, com o qual luta contra os demônios das trevas (ignorância). Indra é símbolo do heroísmo generoso.

Inferno. Lugar destinado ao suplício daqueles que ofenderam as leis divinas, os pecadores. Embora quase todas as grandes religiões considerem a existência de um céu e de um inferno, para onde são encaminhados os espíritos após a morte física, dependendo das ações

boas ou más que praticaram em vida, o conceito da condenação é tipicamente judaico-cristão. Modernamente, mesmo entre algumas seitas cristãs (principalmente as protestantes) passou-se a considerar o inferno não como um lugar físico, e sim um estado de alma do indivíduo, uma situação psicológica do mesmo caracterizada pela angústia e a dor existencial. Nesse sentido, tal conceito aproxima-se das concepções orientais que claramente definem o inferno como um particular estado de consciência.

I.N.R.I. Abreviatura de *Iesu Nazarenus Rex Iudeorum* ("Jesus Nazareno Rei dos Judeus"), inscrição que Pilatos fez afixar na cruz onde foi supliciado Jesus Cristo. Na simbologia rosa-cruz, I.N.R.I. significa *Igni Natura Renovatur Integra* ("A Natureza é completamente Renovada pelo Fogo"), relacionando portanto essa abreviatura com o simbolismo da ressurreição ou da renovação espiritual.

Instrumentos de medida. Conjunto de cinco instrumentos utilizados simbolicamente pelos maçons para construir, moral e intelectualmente, o mundo. São eles: o fio de prumo, o nível, a régua, o esquadro e o compasso. Esses instrumentos estão relacionados com a estrela de cinco pontas (ver verbete a respeito), os sólidos platônicos (idem) e os cindo sentidos humanos, os quais facultam ao homem o reconhecimento e a comunicação com o mundo circundante.

Ísis. Deusa egípcia, esposa de Osíris e mãe de Hórus, com os quais integra a principal tríade da religião do antigo Egito. Deusa lunar, Ísis outorga vida e saúde, e é o símbolo maior do princípio feminino personificado na natureza e no cosmos. Ísis representa a fecundidade, o amor maternal, o espírito que fecunda as sementes e as inteligências. Alguns eruditos como Frazer (autor de *O Ramo Dourado*) sustentam que muitos aspectos do culto cristão à Virgem Maria são derivados dos mistérios dedicados a Ísis.

J

Jade. Pedra semipreciosa muito usada no Oriente, principalmente na

China e Japão, para a fabricação de amuleto e imagens de divindades. O simbolismo chinês considera o jade como possuidor de uma essência sutil que proporciona imortalidade. Assim sendo, esta pedra é símbolo desse atributo divino.

Janus. Divindade romana representada por uma cabeça masculina dotada de duas faces, as quais olham para direções contrárias. Como todo símbolo voltado para a direita e a esquerda ao mesmo tempo, Janus é um emblema da totalidade e, mais particularmente, do desejo de dominar e conhecer todas as coisas. Devido a sua dualidade, representa também todos os pares de opostos e, nesse sentido, equivale ao símbolo astrológico de Gêmeos. Os romanos associavam Janus ao destino, ao tempo e à guerra. Suas faces estavam voltadas para o passado e o futuro, possuindo ao mesmo tempo conhecimento da história e das coisas que estavam por vir. Janus simboliza também a união dos poderes do sacerdócio e da monarquia.

Jóia. Em muitas tradições, as jóias representam verdades espirituais. O estudioso Cirlot afirma que as pedras preciosas usadas nas roupagens de reis, rainhas e princesas, bem como seus atributos como a coroa e o cetro, são símbolos do conhecimento superior. Essa simbologia presta-se a várias ilações. Em psicologia, por exemplo, a aparição de princesas ou damas nobres portando jóias pode representar a *anima* junguiana: as jóias seriam exatamente atributos, características ou virtudes dessa *anima*. Por outro lado, jóias guardadas por um dragão ou outro animal compõem cena que alune às dificuldades encontradas na busca do conhecimento. Jóias ou gemas guardadas no fundo de cavernas referem-se ao conhecimento intuitivo armazenado no inconsciente.

Jornada. Do ponto de vista espiritual, uma jornada ou viagem nunca é apenas uma passagem através do espaço, um deslocar-se de um lugar para outro. Viajar simboliza a expressão de um urgente desejo de descoberta e de mudança, e ambos subjazem quase sempre no fundo de uma experiência de viagem. Os heróis são sempre viajantes, quase nunca permanecem num mesmo lugar.

Jornada ao inferno. Muitos autores escreveram inspirados pelo antigo mito da "jornada ao inferno". Dante Alighieri (*A Divina Comédia*) foi um deles, precedido pelo personagem Enéias (*Eneida*, de Virgílio) e Orfeu. Do ponto de vista simbólico mais aceito, "descer ao inferno" significa mergulhar no próprio inconsciente. Esotericamente, explica-se que esse mergulho nas profundidades trevosas do próprio se é necessário para que se possa, em seguida,

passar ao estágio luminoso ou “paradisíaco” de consciência. A única exceção, segundo certas escolas, seria pra aqueles que conseguem atingir diretamente a consciência superior através do “caminho da inocência”. O inferno reúne em si as idéias de “crime e castigo”, enquanto o purgatório está ligado às noções de penitência e esquecimento.

K

Kailash. Montanha da cordilheira do Himalaia e um dos mais sagrados lugares para os hindus e budistas tibetanos. Considera-se que ali seja a morado do deus Shiva. Nas encostas dessa montanha viveu também o asceta tibetano Milarepa, e o próprio Gautama Buda recomendava o lugar como excelente para a meditação e o recolhimento. Certos especialistas, como Paul Brunton, referem-se à “atmosfera magnética de intensa vibração espiritual” que caracteriza a região do monte Kailash. Para os hindus, esse é o símbolo do céu e da morada dos deuses.

L

Labirinto. Na mitologia grega, o labirinto era um grande palácio construído na ilha de Creta por Dédalo a mando do rei Minos, para abrigar o Minotauro (criatura monstruosa com corpo de homem e cabeça de touro). De tempos em tempos, os atenienses deviam pagar um tributo ao rei de Creta, o qual consistia num certo número de rapazes e moças virgens. Esses jovens eram levados a Creta, e, após um período de preparação, colocados no interior do labirinto, de onde não conseguiam sair, e acabavam nas mãos do Minotauro, que os

sacrificava. É justamente um herói ateniense, Teseu, quem consegue matar o monstro em combate e escapar do labirinto. Foi pra isso ajudado por Ariadne, princesa filha do rei Minos, que lhe presenteia um novelo de linha na entrada do labirinto. Ao caminhar pelos corredores emaranhados desse palácio, ele vai desenrolando o novelo, de maneira que, após o combate, consegue achar a saída seguindo de volta o fio. O mito de Teseu e o Minotauro já tem, em si, notável conteúdo simbólico. Teseu é emblema do herói que busca a si mesmo. O Minotauro simboliza as forças obscuras do seu inconsciente, que devem ser combatidas e vencidas. Os corredores do labirinto tortuoso são interpretados como representações dos vícios, paixões e qualidades negativas que devem ser conhecidas e superadas. E Ariadne, por fim, simboliza a força e a inteligência do instinto e da intuição, atributos sem os quais será impossível vencer o grande desafio. Por outro lado, os labirintos, que são estruturas desenhadas ou de arquitetura, aparecem em quase todas as épocas e civilizações, desde os tempos pré-históricos. Todos os labirintos apresentam dois pontos em comum: um centro e, ao seu redor, uma estrutura de acesso muito complicada, feita de caminhos tortuosos, muitas vezes bloqueados, pensados de maneira a dificultar ao máximo a chegada ao centro. O significado simbólico dos labirintos é de tipo universal ou arquetipal: o centro representa a consciência superior, a realidade absoluta, a imortalidade, a divindade; os caminhos tortuosos que vedam quase completamente o seu acesso simbolizam as provas e dificuldades pelas quais deve passar todo aquele que pretende chegar até o "centro de si mesmo", ou seja, a consciência superior. O simbolismo do labirinto está ligado ao simbolismo da espiral. Nesse sentido, o centro, ou ponto inicial interno da espiral, representa o princípio único, imóvel. As curvas da espiral simbolizam o universo manifestado em constante movimento.

Lâmpada. Símbolo universal do espírito e da inteligência. Segundo as tradições, as lâmpadas podiam ter forma diversa. Por exemplo, uma lâmpada a óleo com 12 mechas representava os 12 signos zodiacais. A lenda de Aladim é um típico exemplo do significado simbólico da lâmpada: ela contém o "gênio" da inteligência, que aparece todas as vezes que é chamado pelo herói, atendendo a seus pedidos.

Leão. Um dos mais importantes símbolos da divindade e da força solar. O leão é o rei dos animais na Terra, da mesma forma que a águia é a rainha dos ares. Símbolo da força e do princípio masculino, o leão está ligado ao elemento terra, e o leão alado ao elemento fogo.

Leopardo. Felino consagrado ao deus Dionísio, era conhecido na antiga Grécia como o "vigilante de mil olhos". Símbolo de bravura e ferocidade marcial, o leopardo expressa os componentes agressivos e potentes do leão. Mas não possui sentido solar, e sim de tipo lunar, como o gato.

Leto. O "rio do esquecimento", Leto era, para os antigos gregos, um dos rios do inferno. Mitologicamente, relata-se que as almas, após passar certo tempo nesse lugar para expiar suas culpas, tinham de beber as águas do Leto antes de poder abandoná-lo. Essas águas tinham o poder de fazê-las esquecer de todo o passado. Leto simboliza assim o momento de superação dos aspectos negativos da personalidade, após um duro e difícil esforço para se tornar consciente desses aspectos e eliminá-los.

Letras. Em todas as tradições as letras dos alfabetos possuíam um sentido simbólico de sacralidade. Entre os árabes e judeus, possuíam também um sentido numerológico.

Lilith. Na tradição hebraica exposta no *Talmude*, Lilith foi a primeira mulher de Adão, mãe de demônios e gigantes, que, de acordo com as lendas, não quis submeter-se à autoridade do marido, abandonando-o para ir viver na região do ar. Esotericamente, e na astrologia, considera-se Lilith um símbolo dos instintos e dos impulsos femininos e lunares mais primitivos. Está relacionada com os estímulos do inconsciente profundo.

Lingam. O termo sânscrito *lingam* não é apenas sinônimo de falo, mas representa também a integração entre os dois sexos, simbolizando o poder generativo do universo.

Lira. Na tradição grega, a lira simboliza a união harmoniosa das forças cósmicas. A lira de sete cordas corresponde aos sete planetas, e a lira de 12 cordas, aos signos zodiacais. Era instrumento musical consagrado a Apolo e Orfeu.

Lótus. Planta sagrada do Egito, Índia, Japão, China e outros países asiáticos, à qual são atribuídas propriedades ocultas e simbólicas. Os egípcios a consideravam uma representação do Sol e da ressurreição. No hinduísmo, o lótus simboliza a terra, e o criador do universo aparece sentado sobre uma flor de lótus. É também símbolo corrente no budismo, representando a pureza e correspondendo, no Ocidente, à rosa. Na teosofia, o lótus apresenta simbologia mais complexa e profunda. A semente do lótus contém, em seu interior, uma perfeita miniatura da futura planta, tal como os protótipos espirituais de todas

as coisas que existem nos mundos imateriais, antes de manifestarem-se no mundo material. Por outro lado, o lótus enterra suas raízes na lama, extraindo daí o seu sustento, e projeta suas flores no ar: é, aí, símbolo do próprio homem. A raiz enterrada representa a vida material; o tal e as folhas, alçando-se para cima, simbolizam a existência astral; e, finalmente, a flor flutuando sobre a água é emblema da existência espiritual. Em termos de simbologia da personalidade humana, o lótus presta-se igualmente: as raízes representam o corpo físico, ligado ao elemento mais sólido, a terra; o talo e as folhas, mergulhados da água, significam a sua parte emocional; a flor, inserida no elemento ar, simboliza intelecto.

Louro. Planta consagrada ao deus Apolo, na Grécia antiga, simboliza a glória, o triunfo, a vitória. Esotericamente, a consagração de um artista ou herói com uma coroa de ramos de louro representa não apenas a conquista da glória exterior, mas principalmente a vitória sobre as forças negativas e dissolventes dos planos inferiores da consciência.

Lúcifer. Do latim *luci-feros* (o portador da luz). O mais belo dos anjos que se rebelaram contra Deus. No cristianismo, Lúcifer está associado ao conceito de demônio. Para certas escolas esotéricas, como a teosofia, a figura de Lúcifer está revestida de complexo e importante conteúdo simbólico: é ele quem, desobedecendo às ordens de Deus, confere aos homens o conhecimento, retirando-os assim do estado mítico de inocência em que viviam (simbologia do Paraíso). Na tradição judaica, foi Lúcifer quem abriu os olhos do autômato criado por Jeová, conferindo-lhe assim a imortalidade espiritual. O simbolismo de Lúcifer pode ser assimilado ao do herói grego Prometeu, que invadiu o céu para roubar o fogo aos deuses e trazê-lo aos homens.

Luz. A luz, fenômeno natural, é símbolo universal do espírito e, em grau menor, da sabedoria, da intelectualidade, da força criadora, da energia cósmica e da irradiação solar. Psicologicamente, a luz é símbolo associado à aquisição de um maior grau de consciência de si mesmo e do mundo. Na simbologia cristã, a luz é o mais apropriado emblema da natureza divina do Cristo, já que as sagradas escrituras afirmam que Deus é luz ou fonte de luz, e Jesus disse: “Eu sou a luz do mundo; aquele que me segue não caminha na escuridão, mas terá a luz da vida” (João 8,12).

M

Macrocosmo. O grande universo, ou o Sistema Solar, o contrário de *microcosmo* (ou seja, o homem manifestado através de seu corpo físico). Macrocosmo-microcosmo significa a relação entre o universo e o homem considerado como "medida de todas as coisas". O simbolismo do "homem universal" e as correspondências zodiacais, planetárias e dos elementos constituem a base dessa relação.

Mandala. Termo sânscrito para designar diagramas ou círculos simbólicos utilizados para exercícios de meditação, concentração e também em operações de magia branca. As mandalas, utilizadas principalmente na Índia e no Tibet, possuem simbologia complexa. Sua estrutura básica consiste de um centro (símbolo da totalidade, da divindade, da consciência superior ou cósmica) e de uma quantidade de formas dispostas geométrica ou circularmente ao redor do centro (formas essas que representam as inúmeras facetas da personalidade humana e as infinitas formas do universo manifestado). A finalidade primordial das mandalas parece ser a de encorajar e induzir o espírito, através da contemplação e concentração da mandala, a percorrer o caminho evolutivo que vai de um estado de consciência puramente biológico até um estado de consciência espiritual. Carl Gustav Jung estudou em profundidade a simbologia das mandalas, relacionando-as à simbologia universal do círculo.

Marfim. No Oriente, o marfim é um dos materiais favoritos para a confecção de amuletos, talismãs, imagens religiosas etc. Por ser alvo, resistente e de grande durabilidade, simboliza a sabedoria e é também emblema da pureza e da fortaleza moral.

Mar Vermelho. Expressão usada na simbologia alquímica, representa as etapas perigosas do processo de transmutação. No sentido psicológico, poderia representar momentos difíceis ou de crise pelos quais se passa no caminho da liberação interior. Essa simbologia relaciona-se diretamente com o mito bíblico da travessia do Mar Vermelho pelos judeus. Abandonar o Egito para dirigir-se à Terra Prometida implicava o perigo de atravessar o "mar de sangue" (emblema dos sofrimentos, das renúncias, dos sacrifícios). Assim, a travessia é símbolo da evolução espiritual e também da morte, já que o

Mar Vermelho funciona aqui como “porta” ou “ponte” entre a vida material e a vida espiritual, e que “o homem que sacrifica a si mesmo num certo sentido morre”.

Matéria. A teosofia conceitua a “matéria em si” como um elemento eterno, indestrutível e incriado. Mas as formas manifestadas da matéria possuem atributos opostos: são criadas, transitórias, mutáveis e perecíveis. A matéria é fator indispensável para a manifestação de agentes energéticos, como a eletricidade, luz, calor etc., embora, num sentido mais profundo, também as energias sejam manifestações extremamente sutilizadas da mesma matéria primordial. Em nosso plano dimensional (pelo menos no plano captado pelos cinco sentidos ordinários) existem quatro estados básicos da matéria: sólido, líquido, gasoso e etérico (ou eletromagnético). Esotericamente, a matéria é um dos pólos ou aspectos através dos quais se manifesta o Logos ou princípio divino; o outro pólo é o espírito. Assim, na linguagem esotérica, a matéria é a “mãe do mundo”, corresponde mais ao princípio feminino, enquanto o espírito é o “pai do mundo” (princípio masculino). Os quatro estados da matéria relacionam-se com os quatro elementos da natureza (respectivamente, terra, água, ar e fogo) e são símbolos de distintas faixas de manifestação do Logos.

Mefistófeles. Nome de um espírito maléfico, provavelmente de origem babilônica, que chegou à Idade Média européia através dos conhecimentos de magia preservados pelos cabalistas judeus. A figura de Mefistófeles foi incorporada na lenda de Fausto, o herói que vende a própria alma ao diabo em troca de poder e conhecimento. Mefistófeles transformou-se em símbolo dos instintos baixos, dos desejos equívocos e da astúcia terrena; é também emblema do homem de natureza perversa e diabólica. Segundo o estudioso Cirlot, representa o “aspecto negativo e invernal da função psíquica que foi arrancada do Todo para adquirir independência e caráter próprio e individual”.

Mel. Essa substância produzida pelas abelhas tinha caráter sagrado para muitos povos da Antigüidade. Nos cultos órficos, era utilizado como símbolo da sabedoria. Na igreja cristã primitiva, a mistura de leite e mel simbolizava o alimento espiritual ou divino. Em certas escolas esotéricas, o mel representa também o processo de renascimento ou de mudança de personalidade em conseqüência de uma iniciação. Na Índia, essa significação é ainda mais elevada, considerando-se o mel um emblema do eu superior (e, nesse sentido, comparável ao elemento fogo). Todas essas interpretações parecem

derivar do fato que o mel é produzido através de um processo muito elaborado e misterioso, que foi comparado, por analogia, ao exercício espiritual da auto-evolução.

Melquisedeque. Personagem misterioso, mencionado na Bíblia, de quem se diz "não ter pai nem mãe". Era rei de Salém e sacerdote. Representa, na simbologia esotérica, certas hierarquias divinas que governaram a humanidade primitiva, desempenhando a tarefa dual de reis e sacerdotes.

Metal. Na astrologia, os metais são chamados de "planetas terrestres" ou "subterrâneos", por causa das suas correspondências análogas com os planetas astrológicos. O conhecimento esotérico fala também de uma hierarquia dos metais, no ápice da qual encontra-se o ouro. A escala de correspondências astrológicas, de inferior a superior em seu sentido hierárquico, é: *chumbo* – Saturno; *estanho* – Júpiter; *ferro* – Marte; *cobre* – Vênus; *mercúrio* – Mercúrio; *prata* – Lua; *ouro* – Sol. Cada um dos metais simboliza solidificações de energias cósmicas relacionadas com determinados tipos psicológicos (veja *Astrologia*). Nesse sentido, poderiam ser interpretados como aspectos da libido; sob tal conceituação, Jung considerou que os metais básicos astrológicos correspondem aos desejos e pulsões da carne. Tudo isso nos leva novamente ao simbolismo alquímico da transmutação: extrair a quintessência dos metais, ou transmutá-los no metal superior, o ouro, é processo equivalente ao da liberação da energia criativa ou espiritual das limitações do mundo exclusivamente sensório.

Meteoro. Para o homem primitivo, os meteoros ou meteoritos, pedras caídas do céu, constituíam símbolo da vida espiritual derramando-se sobre a Terra. Representavam assim o "fogo cósmico", em seu aspecto criativo, chegando ao nosso planeta na forma de "sementes". Tais objetos relacionam-se com o simbolismo das estrelas, no sentido de que estas representam o mesmo "fogo cósmico", porém em seu aspecto inatingível. Tanto é que os meteoritos, na remota Antigüidade, eram considerados "mensageiros das estrelas", símbolos de revelação.

Minarete. Obrigatório na arquitetura das mesquitas (os templos muçulmanos), os minaretes estão ligados ao simbolismo da torre, mas seu significado vai muito além. Constituem emblema da iluminação espiritual, porque reúnem o significado simbólico da torre (pela sua altura) e também o da consciência de vigília (pela plataforma que possuem no ponto mais alto e de onde se descortina um amplo panorama).

Mirto. Arbusto sagrado da Antigüidade clássica, principalmente na Grécia; era utilizado nos mistérios gregos com o mesmo significado do lótus para os egípcios.

Montanha. Símbolo universal da elevação espiritual e da meditação. Quase todas as grandes tradições religiosas têm a sua montanha sagrada, ou várias delas. A forma piramidal da montanha simboliza a divindade e a eternidade. Na psicologia onírica, a aparição de montanhas tem significado extremamente rico e variado, dependendo de fatores como a altura, a verticalidade, a massa, a forma das mesmas. Em geral, considera-se a imagem de escalar uma montanha como representação do esforço travado pela conquista de si mesmo, pelo autoconhecimento e autodomínio.

Mudra. Palavra sânscrita que designa um complexo sistema de gestos e posturas manuais simbólicas (ver *Gestos*). As seqüências organizadas de tais gestos, muito usadas nas danças sagradas orientais, constituem verdadeira linguagem esotérica, comunicando inteiros discursos filosóficos ou religiosos. Existem vários sistemas de simbolismo das mãos e dos dedos. Em um, o polegar representa a alma universal; o índice, a alma individual; o dedo médio, a pureza; o anular, a paixão; e o mínimo, a matéria. Em outro sistema, o polegar representa o éter; o índice, o ar; o médio, o fogo; o anular, a água; e o mínimo, a terra. Na *Yoga Mudra*, um dos sistemas religiosos da Índia, o conhecimento e prática deste tipo particular de gestualidade é tão fundamental quanto os exercícios respiratórios, aos quais está muitas vezes associada. Na *Yoga Mudra* cada dedo representa uma força ou elemento da natureza; combinando os movimentos ou posturas da mão e dos dedos, o iogue consegue estabelecer mobilizações energéticas internas de tipo especial.

Mulher. Imagem arquetipal que simboliza, em seus aspectos superiores, a sabedoria e as virtudes supremas (Sofia e Maria) e, nos inferiores, a paixão e a inconsciência (Eva e Helena). Na antropologia, a mulher corresponde ao princípio passivo da natureza. Ela tem três aspectos básicos: primeiro, como “sereia”, ser monstruoso (metade mulher, metade peixe) que encanta, distrai e tenta os homens para que saiam do caminho da evolução; segundo, como mãe, a *Magna Mater*, relacionada com os aspectos destituídos de forma do elemento água e do inconsciente; e, terceiro, como a *anima* da psicologia junguiana. Um dos mais puros exemplos de mulher como emblema do conceito de anima é o personagem Beatriz, na *Divina Comédia* de Dante.

N

Narciso. O mito grego de Narciso relata a lenda de um jovem fascinado pela sua própria beleza, a ponto de perder a consciência do mundo externo. O estudioso Joaquim Gasquet explica esse mito como uma ilustração primordial a nível cósmico (e não sexual) de que o "mundo é um imenso Narciso no ato de contemplar a si mesmo". Assim, Narciso, inclusive na psicologia, transformou-se em símbolo da atitude de autocontemplação, introversão e auto-suficiência.

Néctar. Bebida dos deuses olímpicos, na mitologia grega, o néctar é símbolo da imortalidade.

Negro. A imagem do homem negro alude a componentes básicos da psique humana, notadamente às paixões e instintos. Jung explicava que, na psicologia onírica do homem branco, a aparição do homem ou mulher negra relacionava-se à aparição de componentes *ctônicos*, ou seja, relativos aos impulsos mais profundos do inconsciente.

Ninfa. Divindades menores da Grécia antiga, as ninfas correspondem aos pequenos cursos d'água, fontes, lagos e quedas d'água. Por causa de sua associação com o elemento água, o significado das ninfas é ambivalente, ligado tanto ao nascimento e à fertilidade, quanto à dissolução e à morte.

Noite. A noite está relacionada com o princípio passivo ou feminino e com o inconsciente. Hesíodo deu-lhe o nome de "mãe dos deuses", pois os gregos acreditavam que a morte e a escuridão precediam a criação de todas as coisas. Portanto, a noite, assim como o elemento água, expressa as idéias de fertilidade, potencialidade e germinação. A noite é um estado de antecipação porque, embora escura, contem em si a promessa de um novo dia luminoso.

Número. O número de ordem pelo qual o mundo existe. Todos os povos antigos atribuíam importância à suas propriedades e influências, associando aos números poderes mágicos. A literatura esotérica menciona que durante a criação do mundo os primeiros pensamentos de Deus foram expressos em números. O número implica forma som e vibração, e subjaz na raiz do universo manifestado. Junto com as

proporções harmônicas, dirige as primeiras diferenciações da substância homogênea em elementos heterogêneos e põe limite à mão formativa da natureza. Os números representam "idéias-forças", cada um com forma, sentido, individualidade e caráter próprios, e a numerologia (ciência dos números) contém a chave de todo o sistema esotérico. Esta chave é aplicável a todo o universo, tanto às hierarquias criadoras como ao homem e ao mundo.

O significado simbólico dos números está ligado à seqüência numérica:

Zero – a eternidade, o "não ser"; oposto e reflexo da unidade, representa tudo que existe em estado latente e potencial.

Um – o princípio ativo, o Sol ou a primeira manifestação da energia criadora. Representa também a unidade espiritual.

Dois – o pólo feminino (a Divina Mãe) em contraste com o número um (o Divino Pai).

Três – a síntese espiritual, representando a tríade divina no processo de sua manifestação.

Quatro – símbolo da terra, da situação humana, dos quatro elementos da natureza, das quatro estações do ano e dos quatro pontos cardeais.

Cinco – o número do homem, o quinto elemento agindo sobre os quatro elementos da matéria.

Seis – o equilíbrio, a união do espírito e da matéria; a união dos triângulos positivo e negativo, formando a estrela de seis pontas.

Sete – o número da ordem perfeita, resultado da união do ternário (espiritual) e do quaternário (material).

Oito – símbolo do Logos ou do poder criativo universal e do equilíbrio dinâmico entre as duas forças opostas (masculina e feminina).

Nove – o número simbólico da humanidade e o número-raiz do presente estado de evolução humana.

Dez – o retorno à unidade e, ao mesmo tempo, a união final e o recomeço. É a totalidade do universo.

Onze – símbolo da transição, de excesso e de perigo.

Doze – símbolo da ordem cósmica e da salvação.

Treze – morte e renascimento, mudança e retomada após o final.

Numerologia. É a ciência que considera os números e suas combinações como possuidores de um significado mágico. Pitágoras, na antiga Grécia, desenvolveu todo um sistema numerológico, de acordo com o qual os números contêm os elementos de tudo aquilo

que existe. O estudo dos números é particularmente importante na cabala judaica.

Números mágicos. Alguns números, ou conjunto de número, representam particulares mistérios e simbolizam importantes forças cósmicas.

O

Obelisco. Por causa de seu formato, o obelisco é símbolo dos raios do Sol. Pela substância da qual é feito, está ligado ao simbolismo geral da pedra. Está também ligado aos mitos da ascensão solar e à "luz do espírito penetrante", por causa da sua posição ereta e da ponta piramidal em que termina. Os obeliscos tiveram excepcional importância na religião egípcia e demais religiões solares.

Ocidente. Ponto cardeal onde se põe o Sol no crepúsculo vespertino. O Ocidente é o lugar simbólico, nas trevas, de onde sai o discípulo rumo à "luz do Oriente".

Olho. Segundo Cirlot, a essência do simbolismo do olho está contida num dito do filósofo romano Plotino, segundo o qual "nenhum olho está capacitado a ver o Sol enquanto, de certa maneira, não for ele mesmo um sol". Dado que o Sol é fonte de luz, e que a luz é símbolo da inteligência e do espírito, deduz-se que o processo de ver representa um ato do espírito e simboliza o conhecimento.

Oliveira. Símbolo da vitória e da paz, a oliveira, na Grécia antiga, era uma árvore consagrada a Palas Atena e a Zeus. Também na Grécia, e em muitas outras civilizações da Ásia Menor, era considerada um emblema da prosperidade, da proteção pacífica e benévola dos deuses.

Om. Sílaba sânscrita, hinduísta, de invocação, afirmação e bênção solene. É composta de três letras: a-u-m, que simbolizam os três vedas principais e os três níveis de consciência, de acordo com a concepção hindu. É também símbolo monossilábico da *Trimurti* (a tríade hinduísta, composta de Brahma, Shiva e Vishnu). O *om* é considerado o mais importante de todos os *mantras* (palavras ou sons que contêm

poder mágico ou espiritual), e seu valor está contido tanto na própria idéia que representa como no seu poder fonético ou vibracional.

Orgia. Orgias, caracterizadas pela embriaguez, permissividade sexual, excessos de todos os tipos e travestismo ocasional correspondem sempre a um "chamado do caos", e resultam de um enfraquecimento da vontade em aceitar as normas no seu sentido mais ordinário ou comum. As manifestações orgíacas remontam à pré-história, e exemplos históricos são as saturnálias romanas, que deram origem ao carnaval de nossos dias. Nessas festividades desinibidas, a tendência geral é "confundir as formas" através da inversão dos padrões sociais de moral, a justaposição ou equiparação de opostos e a libertação das paixões – inclusive no seu sentido ou capacidade destrutiva. Mais do que situações coletivas de prazer ou licenciosidade, as orgias simbolizam a necessidade ocasional de romper a ordem estabelecida para que se restabeleça um caos parcial dos sentidos e, em seguida, uma nova ordem revigorada.

Oriente. Ponto cardeal onde nasce o Sol, o Oriente simboliza a iluminação e a fonte da vida; voltar-se para o Oriente ou caminhar em direção a ele significa voltar-se espiritualmente para o ponto focal da luz divina. Daí nasce a palavra *orientação*. Em muitas civilizações, como a greco-romana, os templos eram construídos com a sua fachada para o leste, inspirados pela mesma idéia.

Orixá. Os orixás, divindades do panteão afro-brasileiro, são considerados forças da natureza. Cada um deles simboliza atributos da divindade criadora ou manifestada. Os principais orixás são: *Oxalá*, pai dos orixás, símbolo da pureza e perfeição do Criador; *Ogum*, deus da guerra, símbolo da força vital; *Omulu* ou *Obaluaiê*, símbolo do poder de cura; *Oxossi*, emblema do caçador e das virtudes do reino vegetal; *Oxum*, orixá da água doce, símbolo de qualidades femininas como a abnegação e o amor maternal; *Xangô*, símbolo do raio e do trovão, representando as forças telúricas incontroláveis; *Iemanjá*, orixá da água do mar, símbolo da beleza e co encanto feminino; *Nanã Buruku*, símbolo da fertilidade; *Ifá*, símbolo das artes de adivinhação.

Ornamentação. Os motivos ornamentais desenhados, pintados ou esculpidos em certas obras de arte, templos, igrejas etc., constituem em geral símbolos da atividade cósmica, do desenvolvimento das formas criadas no espaço e, de maneira ainda mais geral, da "fuga do caos" (neste caso, "caos" é sinônimo de "matéria desordenada"). Assim, os motivos ornamentais ordenados e progressivos representam uma reconciliação com a ordem e também os estágios graduais do

desenvolvimento evolutivo do universo. Os principais elementos utilizados na ornamentação são: a espiral, a cruz, as ondas, o ziguezague. Em muitas religiões tradicionais, a ornamentação constitui, por si mesma, uma ajuda à meditação (desempenha aqui o mesmo papel indutor da mandala). Muitas vezes os motivos ornamentais estão diretamente relacionados com conceitos metafísicos básicos, como, por exemplo, os quatro elementos (terra, água, ar e fogo).

Osíris. Deus supremo do antigo Egito, Osíris reveste-se de um mito que representa importantíssimo símbolo espiritual e psicológico, ainda hoje utilizado. Osíris morria e ressuscitava todos os anos e era, dessa forma, a divindade que mantinha acesa a fé popular na ressurreição. Certos esoteristas sustentam que esse mito é inspirador da Paixão de Jesus Cristo e do milagre da ressurreição.

Ouro. O mais precioso dos metais, corresponde ao Sol. Em seu aspecto positivo, é símbolo do princípio espiritual, da imortalidade, da nobreza, dignidade e elevação. Em seu aspecto negativo, representa as riquezas terrenas, a idolatria, a arrogância e a vaidade.

Ouroboros. Importantíssimo símbolo esotérico, cuja origem se perde no tempo, e que é representado por uma serpente que morde a própria cauda, significando que "todo começo contém em si o fim, e todo fim contém em si o começo". No seu sentido mais geral, o ouroboros é símbolo do tempo e da continuidade da vida. Pela sua forma circular, representa também o movimento perpétuo e de trajetória circular ou curva que caracteriza toda manifestação no universo. É emblema ainda do caráter cíclico de toda manifestação.

Ovo. Símbolo universal da origem da vida, desde as épocas mais remotas. Esotericamente, tanto o ovo como a forma ovóide representa a tese de que a forma primordial de cada coisa manifestada, desde o átomo até os globos planetários e o próprio universo, é esferoidal. Na linguagem hieroglífica egípcia, o ovo representa a potencialidade, a semente da geração, o mistério da vida. Esse sentido permaneceu entre os alquimistas, os quais acrescentaram a idéia de que o ovo ou a forma ovóide era o receptáculo que continha toda a matéria e todo pensamento. A própria abóbada celeste é referida como tendo forma oval.

P

Pã. Deus campestre da Grécia antiga, metade homem, metade bode. Era uma divindade jovial e brincalhona, que assustava os que dormiam a céu aberto com gritos pavorosos (daí a expressão "terror pânico"). Pã portava dois pequenos cornos na cabeça, e é provável que as representações medievais do diabo se tenham inspirado na sua figura. Esotericamente, Pã é símbolo do espírito vital e fecundante da natureza e dos instintos primários ou elementais.

Paraíso. Nome dado ao mítico Jardim do Éden, mencionado na Bíblia. Paraíso é quase sinônimo de céu, com a diferença de que a este último está conectada a idéia de infinita beatitude, enquanto que ao primeiro se associa uma idéia de prazeres algo sensuais e materiais. Ao lado da lenda judaico-cristã do paraíso perdido, quase todas as demais civilizações e religiões desenvolveram mitos análogos. Em todos eles, o "paraíso" pode ser considerado um símbolo do "centro místico" do qual tudo surgiu e para o qual tudo retornará. Modernamente, a simbologia do paraíso adquiriu conotações psicológicas, procurando-se interpretar esse conceito como sendo referente a um particular estado de consciência caracterizado pela harmonia consigo mesmo e com o mundo.

Páscoa. Símbolo da ressurreição da natureza, da entrada da primavera, do início de um novo ciclo existencial ou natural. Para os judeus, a festa de Páscoa comemora a saída do Egito. No cristianismo, a Páscoa festeja a ressurreição de Cristo, a festa suprema e mais antiga da Igreja, celebrada no domingo da primeira Lua Cheia da primavera, entre 22 de março e 25 de abril.

Pássaro. Em praticamente todas as escolas esotéricas ou religiões, as aves apresentam significados simbólicos importantes. Para a tradição hindu, elas representam estados superiores do ser. No Egito, o falcão simbolizava o deus Hórus, e a íbis, o deus Thoth. O pássaro, com todo ser alado, é emblema da espiritualidade e da alma humana. Nas escolas místicas, representam também hierarquias angelicais, espíritos ou forças espirituais, geralmente destinadas a auxiliar o homem. Na alquimia, os pássaros simbolizam as energias em atividade; voando em direção ao céu, expressam a faze alquímica da

sublimação e a volatização; descendo para a terra, a fase da condensação e precipitação; os dois símbolos unidos numa mesma figura representam o processo de destilação. Os pássaros, por sua capacidade de viver na terra e nos ares, apresentam também um outro significado simbólico de tipo universal: são considerados "mensageiros dos deuses", intermediários capazes de estabelecer uma ponte entre o céu e a terra.

Pavão. Na Roma antiga, o pavão era usado para representar situações apoteóticas de princesas, da mesma forma que a águia era usada em relação aos príncipes, heróis e guerreiras. A simbologia do pavão é complexa, tendo variado muito de povo a povo. A plumagem belíssima de sua cauda reúne todas as cores e matizes, possuindo ainda reflexos iridescentes. Possivelmente devido a essa característica, foi considerado no Oriente símbolo da totalidade, da imortalidade e da alma incorruptível. Entre os antigos cristãos, o pavão era símbolo da ressurreição, porque troca a sua plumagem todos os anos. Na Índia é considerado "ave nacional", simbolizando a iniciação e a inteligência. O pavão traz na cabeça uma pequena coroa de sete plumas, consideradas um emblema dos sete raios e que conferem a essa ave também os atributos simbólicos da sabedoria e do conhecimento oculto.

Pedra. Desde a mais remota Antigüidade, o homem utilizou a pedra como símbolo da unidade, da durabilidade e da força estática. A pedra representa a solidificação do ritmo criador, o contrário do ritmo biológico. A dureza e a durabilidade da pedra sempre impressionaram o homem, sugerindo-lhe a antítese das coisas biológicas ou vivas, as quais estão, de forma muito mais evidente, submetidas às leis de mudança, decadência e morte. Psicologicamente, as pedras inteiras significam unidade e força; quando partidas ou quebradas, significam desmembramento, desintegração psíquica, doença, morte e aniquilação. Alegorias como a "pedra filosofal" da alquimia, ou a "pedra bruta" e a "pedra cúbica" da maçonaria, são representações simbólicas importantes.

Pedra bruta. Símbolo maçônico da idade primitiva e do homem sem instrução; é também emblema da alma do homem profano. A pedra bruta deve ser polida com o cinzel (vontade) e o martelo (esforço).

Pedra cúbica (ou piramidal). Também símbolo maçônico, a pedra cúbica é uma representação dos conhecimentos humanos e do homem civilizado.

Pedra filosofal. Era uma substância legendária com a qual os alquimistas pretendiam transmutar em ouro os metais vulgares. Simboliza a realização da Grande Obra, ou seja, a sublimação dos aspectos inferiores da natureza humana em natureza divina.

Peixe. Animal de complexo simbolismo, representando a fecundidade (por sua abundância de ovos) e tendo também sentido fálico. Representa a renovação cíclica inerente ao simbolismo do signo de Peixes, último signo zodiacal, representado pela imagem de dois peixes dispostos paralelamente em posição inversa: cada um deles indica as direções evolutiva e involutiva da vida. Por outro lado, pelo fato de existirem na água (o elemento das emoções), os peixes são considerados, num sentido mais psicológico, "criaturas do inconsciente". O peixe é também símbolo do cristianismo primitivo, no sentido de que representa a vida profunda, o mundo espiritual que existe sob o mundo das aparências e, finalmente, a força da vida em seu perpétuo movimento de elevação.

Pelicano. Ave simbólica da lei do sacrifício e também alegoria de Jesus Cristo, o pelicano tem importante simbologia principalmente entre os rosa-cruzes. A principal qualidade legendária dessa ave aquática é a sua alegada capacidade de abrir o próprio peito para dar o coração em alimento aos filhos.

Perfume. Os aromas de substâncias vegetais ou obtidos por processos químicos possuem importante simbolismo tanto nas religiões como nas escolas esotéricas orientais e ocidentais. Segundo suas características, os perfumes induzem a particulares estados de alma e simbolizam emoções e sentimentos. Do ponto de vista oculto, escreve Dion Fortune em *A Cabala Mística*: "Nada provoca estados mentais ou estimula a consciência psíquica mais efetivamente do que os odores. Existem certas substâncias aromáticas que as tradições associaram com os distintos deuses e deusas, cujos perfumes são suficientemente potentes para estimular o estado de ânimo particular que está em harmonia com as funções dessas divindades." A sabedoria popular atribui aos perfumes virtudes análogas: em geral, diz-se que o perfume da menta estimula a coragem; a roda, a verbena, o cravo e o anis inspiram as tendências amorosas; o lírio e a cânfora, a imaginação; o heliotrópio dá segurança moral; o incenso e a mirra provocam veneração e êxtase religioso; o eucalipto, otimismo; a acácia proporciona sutileza aos processos mentais. Penetrando numa simbologia ainda mais profunda, o estudioso Gaston Bachelard diz que os odores ou perfumes estão associados ao simbolismo geral do

elemento ar, e que, mais propriamente, são emblemas do processo de sutilização da matéria, em que esta passa do estado sólido para o gasoso. Nesse sentido, os perfumes são símbolos da memória e das reminiscências.

Pilar. O pilar ou coluna solitária constitui um símbolo universal do "eixo do mundo", da mesma forma que o poste, o mastro e a árvore. Para os egípcios, o mesmo hieróglifo que significa "pilar" significa também "coluna vertebral", numa clara alusão a que a mesma é o "eixo" do corpo humano.

Pinheiro. Pela solidez de sua madeira, e perpetuidade de sua folhagem, o pinheiro, junto ao cipreste e ao abeto, é símbolo da eternidade da vida.

Pirâmide. O estudioso Cirlot informa que existe uma aparente contradição no simbolismo da pirâmide (sólido geométrico que serviu de modelo aos egípcios e outros povos para que construíssem os monumentos de mesmo nome). Em primeiro lugar, nas culturas megalíticas e no primitivo folclore europeu, a pirâmide simboliza a terra em seu aspecto maternal. As próprias modernas árvores de Natal, herdeiras de uma antiqüíssima tradição, expressam, com sua forma piramidal, a dupla idéia de morte e imortalidade (ambas associadas ao conceito da Grande Mãe, a Terra). Por outro lado, a pirâmide de pedra, arquitetada com uma regular exata forma geométrica, corresponde ao elemento fogo, masculino, em todas as culturas antigas do Oriente. A interpretação mais completa a respeito do simbolismo da pirâmide foi dada por um outro estudioso, Marc Saunier. Ele sugeriu que a pirâmide é uma síntese de diferentes formas, cada uma delas com uma significação própria. A base da pirâmide é quadrada e representa a Terra (os quatro elementos da natureza). O ápice é "o ponto final" e o "ponto inicial" de todas as coisas, o "centro místico", a divindade. Estabelecendo a ligação entre a base e o ápice, estão as faces triangulares da pirâmide, simbolizando o fogo como revelação divina e como princípio da criação. Conseqüentemente, a pirâmide é interpretada como um símbolo que expressa a totalidade do trabalho em seus três aspectos essenciais.

Polaridade. O conceito de polaridade representa um dos princípios fundamentais do hermetismo: "(...) tudo é dual; tudo tem dois pólos; tudo tem seu par de opostos; os antagônicos e os semelhantes são a mesma coisa; os opostos são idênticos em sua natureza, mas diferentes em seu grau; os extremos se tocam; todas as verdades são semiverdades; todos os paradoxos podem reconciliar-se". Uma das

perfeitas representações desse conceito esotérico de polaridade foi criada pela filosofia taoísta, no emblema do *Yang-Yin*. O primeiro representa a polaridade masculina ou positiva; o segundo, a feminina ou negativa. Mas ambos contêm, em seu interior o germe da polaridade oposta. Em conjunto, harmonizados, se neutralizam, constituindo a unidade ou *Tao*.

Ponte. A ponte é símbolo de transição de um estado para outro. Em psicologia onírica, a imagem de uma ponte pode representar um desejo inconsciente de mudança. Na simbologia mística, a ponte é um emblema de ligação entre aquilo que pode ser percebido e aquilo que está além da percepção.

Ponto. Símbolo universal da unidade, da origem, o ponto representa o princípio de uma manifestação material ou de uma emanação divina. Nesse último sentido, o ponto, que é sempre a idéia central de toda mandala oriental, não aparece figurado no desenho, mas deve ser imaginado pelo iniciado que usa a mandala como indutor de meditação.

Ponto central. Um dos mais importantes símbolos teosóficos é o ponto colocado exatamente no meio de uma circunferência. Esta última simboliza a unidade divina, indiferenciada, da qual tudo procede e à qual tudo retorna; o ponto central representa o germe que virá a ser o universo manifestado. Blavatsky ocupa-se dessa simbologia no primeiro capítulo de *A Doutrina Secreta*.

Prata. Metal nobre, correspondente à Lua, ao elemento água e ao princípio feminino. Em seu aspecto positivo, é símbolo da esperança, da iluminação mística, e, por sua resistência ao fogo, emblema da pureza e da castidade. Em seu aspecto negativo, está relacionada com a avareza e as paixões destruidoras.

Príncipe. O príncipe, o filho do rei, é uma forma rejuvenescida do modelo do rei, da mesma forma que o Sol nascente é uma renovação do Sol do crepúsculo vespertino. O príncipe é freqüentemente a figura heróica central em muitas legendas; a sua maior virtude é a intuição, possuindo, muitas vezes, os poderes de demiurgo.

Prometeu. Herói de um dos mais importantes mitos de todos os tempos, Prometeu foi um titã que, segundo a lenda, roubou o fogo do Olimpo para entregá-lo aos homens. O significado esotérico desse mito helênico está relacionado com a incessante e perene angústia do homem em busca do conhecimento e da consciência superior ou divina. Prometeu rouba o fogo divino para que os homens possam

atuar conscientemente no caminho de sua evolução espiritual, transformando assim um simples animal terrestre num deus potencial e livre.

Ptah. Divindade egípcia, o construtor do mundo e dispensador da vida. Personifica a força criadora, e seu animal simbólico é o escaravelho.

Purgatório. Do latim *purgare* (limpar, purificar). Na teologia católica, o purgatório é o lugar onde as almas são purificadas de seus pecados venais. O conceito de purgatório contém significações distintas, embora análogas, nas diversas escolas esotéricas e ocultistas. Seu significado moderno o relaciona com um particular estado de consciência em que o indivíduo se conscientiza e aceita os próprios defeitos e imperfeições, lutando voluntariamente para superá-los.

Q

Quadrado. Símbolo da matéria e da passividade. Seus lados representam os elementos da natureza (água, fogo, terra e ar) ou os quatro pilares da sabedoria humana (ciência, religião, filosofia e arte).

Quadriga. Os carros feitos pra um só condutor, puxados por quatro cavalos, muito usados em civilizações antigas (Egito, Grécia, Roma etc.), principalmente em combates, possuem interessante significação esotérica. O condutor simboliza a força e a inteligência criadora (princípio masculino); o carro, o princípio gerador feminino; os quatro cavalos representam a energia dos quatro elementos: terra água, ar e fogo. A quadriga transforma-se, assim, num símbolo do processo de criação em seu dinamismo inserido no espaço e no tempo.

R

Rã. No antigo Egito, as rãs eram animais consagrados à deusa Herit, e também os primeiros cristãos as adotaram como símbolo. Este anfíbio representa o processo de transição entre os elementos terra e água. Esotericamente, a rã tem caráter feminino e lunar.

Raio. Símbolo universal do poder, o raio é atributo de várias divindades, como o Zeus grego, o orixá Xangô, o deus ameríndio Tupã, o Parabrahman hindu. Personificação do fogo celeste, o raio é emblema da suprema potência criadora. Estão conectados ao simbolismo do raio objetos como cetro, o *vajra* hindu, o bastão, o martelo.

Raios (sete raios). Sete correntes de força provenientes do Logos, cada uma das quais é personificação de uma grande entidade cósmica. Os sete raios são particularmente estudados pelas escolas teosóficas, e têm a sua mais clara expressão simbólica nas características individuais dos homens, que podem agrupar-se em sete tipos principais: *primeiro raio* – vontade ou poder; *segundo* – sabedoria; *terceiro* – inteligência ativa; *quarto* – harmonia ou beleza; *quinto* – ciência (conhecimento concreto); *sexto* – devoção e idealismo; *sétimo* – magia cerimonial e ritualística.

Rato. A simbologia do rato aparece quase sempre em associação à doença e à morte. Era animal ligado a divindades maléficas no antigo Egito, particularmente às epidemias.

Respiração. Simbolicamente, respirar significa assimilar poder espiritual. Os exercícios de ioga dão ênfase particular às técnicas respiratórias (*pranayamas*), já que elas permitem ao iogue absorver não apenas ar, mas também a luz e energia do Sol. Por outro lado, os dois movimentos básicos da respiração – inspiração e expiração, positivo e negativo – estão conectados com a circulação do sangue e, de forma simbólica, com os movimentos de evolução e involução das formas criadas.

Ressurreição. Ação de ressuscitar. No sentido esotérico, está relacionada com a iniciação pessoal. Interpreta-se, simbolicamente, que o homem está "morto" para o mundo espiritual e "ressuscita" ao transcender os limites da consciência inferior ou ordinária para atingir a consciência superior ou cósmica, a qual, por sua vez, representa um nível muito mais avançado de compreensão da vida e do mundo, bem como das finalidades da existência humana.

Retorno. O "retorno ao lar", ou à terra ou lugar natal, é uma ação

que simboliza a morte, não no sentido de destruição total, mas sim como uma reintegração ou reencontro do espírito com o Espírito (essência divina). Esse simbolismo está bem exemplificado na parábola bíblica do "Filho Pródigo". O mesmo mito pertence também à tradição oriental, com está claro nas palavras do filósofo Lieh-Tsu: "Quando a alma abandona a forma, ambas são restituídas à sua verdadeira essência, e é por isso que se costuma dizer que ambas retornam à própria casa".

Rio. O rio constitui símbolo ambivalente, correspondendo ao poder criativo da natureza e do tempo. Por um lado significa fertilidade e a progressiva irrigação do solo; por outro, é emblema da irreversível passagem do tempo e, conseqüentemente, transmite um sentido de perda e esquecimento.

Rito. Um rito é um conjunto de regras estabelecidas para a realização de cultos religiosos, práticas de caráter mágico etc. essencialmente, todo rito simboliza e reproduz o ato da criação, e as cerimônias, ornamentos, objetos e movimentos nele empregados têm relação com os ritmos dos acontecimentos cósmicos. Por exemplo, os movimentos lentos e muito regulares de certos rituais estão conectados com a simbologia dos astros e órbitas celestes. Ao mesmo tempo, considera-se que todo rito significa uma confluência de forças; o seu sentido deriva exatamente da acumulação e combinação dessas forças, integradas harmoniosamente umas com as outras.

Roda. Símbolo universal, complexo, e de origem tão antiga quanto o próprio homem. Seu sentido mais arquetipal está relacionado com os fenômenos das forças cósmicas em movimento. O símbolo taoísta chinês do Yang-Yin está relacionado com o significado da roda, e a doutrina do Tao exprime que "o sábio perfeito é aquele que alcançou o ponto central da roda e permanece assim unido ao centro invariável".

Roda da Vida. Um dos mais freqüentes símbolos do budismo tibetano, onde é usado em pinturas e em diagramas desenhados ou gravados. Representa a série de nascimentos, mortes e renascimentos do homem, mostrando, no círculo exterior, as fases da vida humana, causas do renascimento (lei do carma).

Rosa. Possivelmente a mais importante das flores simbólicas para o homem ocidental. Exprime o desenvolvimento do espírito, e está identificada com todas as expressões que denotam tal significado. A rosa está associada à idéia de regeneração, fecundidade e pureza.

Rosa-cruz. Símbolo formado por uma rosa fixada no centro de

uma cruz, Robert Fludd, alquimista e místico do século XVII, escreveu: “(...) este símbolo tem dupla significação: a cruz representa a sabedoria do Salvador, o conhecimento perfeito; a rosa é o símbolo da purificação, do ascetismo que destrói os desejos carnais e, igualmente, é símbolo da Grande Obra alquímica, quer dizer, a purificação de toda mácula, o produto acabado. Pode-se igualmente ver nesse símbolo o emblema da cosmogonia hermética, pois a cruz (emblema masculino) simboliza a divina energia criadora que fecundou a escura substância da matéria primordial (simbolizada pela rosa, emblema do feminino) e fez com que o universo passasse à existência”. O símbolo da rosa e da cruz foi adotado pelas fraternidades de mesmo nome (Rosacruz), que são assim reconhecidas desde a época do Renascimento europeu.

Rosário. Fieira de contas, pedras, ou cordão com nós que serve aos fiéis de várias religiões para contar o número de suas orações. É usado, entre outros, por budistas, hindus, muçulmano, jainistas e católicos. O número de contas nos rosários de cada uma dessas religiões é variável, bem como o material das contas, tendo ambos precisos significados simbólicos.

Ruína. O sentido simbólico é evidente e deriva diretamente de seu sentido literal: elas significam desolação e morte. São representações de pensamentos, sentimentos, emoções que já não estão animadas pelo sopro da vida, mas que insistem em permanecer ativos na mente; psicologicamente, a simbologia das ruínas equivale à das mutilações biológicas.

S

Sacrifício. A idéia central de todas as cosmogonias é a do “sacrifício primordial”. Invertendo o conceito, pode-se deduzir que não existe criação sem sacrifício. Sacrificar alguma coisa à qual se atribui valor equivale a sacrificar a si mesmo, e a energia espiritual conquistada dessa forma é proporcional à importância daquilo que se perde. Todas as formas de sofrimento podem ter esse sentido

sacrificial, desde que sinceramente procuradas e aceitas. Os sacrifícios físicos ou psicológicos negativos – mutilação, castigo, penas severas etc. – embora constituindo degenerações do sentido sacrificial original, enquadram-se sempre dentro da busca da energia espiritual. É por essas razões que a maioria dos heróis míticos, santos da Igreja e mesmo personagens de histórias do folclore passam por tantas tribulações e sofrimentos, e inclusive por situações de extrema inferioridade, como ilustra bem a história de Cinderela.

Salamandra. Símbolo mitológico do fogo, a salamandra é um animal fantástico, constituído de energia ígnea, com a forma aproximada de um lagarto e que vive em meio às chamas. Na alquimia, a salamandra constitui um signo gráfico, representativo do elemento fogo.

Sandália alada. As sandálias dotadas de pequenas asas eram um atributo do deus Mercúrio (Hermes, para os gregos), simbolizando a sua extrema mobilidade.

Sapo. Simboliza o aspecto inverso, negativo ou infernal, da rã. Por responder à influência de Saturno, esse batráquio é considerado um poderoso auxiliar nas operações de feitiçaria.

Sarcófago. Símbolo do princípio feminino e, ao mesmo tempo, da terra como começo e fim da vida material. Seu significado corresponde ao da ânfora e do barco, bem como dos objetos que servem como receptáculos em geral. Por isso, em alquimia o sarcófago é também conhecido como o "ovo filosofal" (ou "barco da transmutação").

Sátiro. Os sátiros eram gênios dos bosques na antiga Grécia e em Roma, caracterizados pela forte sensualidade. Constituem o séquito do deus Dionísio e simbolizam diversas modalidades dos primitivos cultos às forças da natureza.

Segredo. Os segredos simbolizam o poder sobrenatural, e isto explica o inquietante efeito que produzem nos seres humanos. As distintas escolas iniciáticas fazem largo uso dos efeitos psicológicos do segredo. A habilidade que o iniciado deve desenvolver no sentido de dominar e controlar a tensão interna provocada pela posse de segredos que não devem ser revelados é fator de notável incremento de suas energias espirituais.

Selo de Salomão. Duplo triângulo eqüilátero entrelaçado, ou então a estrela de seis pontas. Este símbolo é freqüentemente representado com um triângulo de cor branca e outro de cor negra.

Trata-se de um diagrama de profunda significação oculta, simbolizando, entre outras coisas, a união do espírito com a matéria.

Seth. Divindade egípcia, deus das trevas, gênio do mal em todas as suas formas, irmão e assassino de Osíris. Seth simboliza a noite da criação em seu duplo aspecto de escuridão e repouso.

Serpente. Símbolo universal da energia ou força. Poucos animais desfrutam de uma simbologia tão rica e extensa como a serpente. Praticamente todas as características desse réptil representam algo, tanto no sentido esotérico como no mítico e no psicológico. Seu movimento sinuoso, o fato de trocar de pele todos os anos, a sua língua ameaçadora, sua capacidade de hipnotizar pequenos animais e em seguida matá-los envolvendo-os com seu corpo, seu veneno mortal, sua capacidade de sobreviver em florestas, desertos, praias e montanhas, e tanto na terra como na água, fazem da serpente um manancial inesgotável de símbolos multivalentes. Na Índia, os cultos da serpente ou cultos do "espírito da serpente" conectam-se com o simbolismo das "ondas da vida". Esse réptil é visto como guardião das fontes de vida e da imortalidade, e dos tesouros espirituais. Quanto ao Ocidente, explica Alice Bailey que a serpente, devido a seus movimentos sinuosos, é símbolo da "sabedoria das profundezas" – ou seja, em linguagem psicológica, dos conteúdos do inconsciente. Certos esoteristas afirmam que o próprio Jesus Cristo reconheceu tal conotação simbólica desse réptil, quando disse: "Sede sagazes como a serpente".

Sibila. Vidente ou profetisa que, na Grécia antiga, era inspirada por Apolo ou outro deus. Simbolicamente, representa a mulher dotada de intuição e de natureza mais sensível que o homem. Por isso mesmo, ela está mais apta para pôr-se em contato com a divindade, interpretar os seus sinais e revelar os seus propósitos.

Signos astrológicos. Ver *Astrologia*.

Sino. Desde épocas muito primitivas os sinos foram utilizados em cerimônias religiosas, por considerar-se o som desse instrumento um símbolo do poder criador divino.

Sol. Ponto focal de nosso sistema planetário, o Sol é símbolo material-espiritual por excelência da divindade. Sua luz pode ser considerada como a manifestação visível do Deus criador, sustentador e conservador de todas as formas de vida. O Sol é também emblema do Ser Real Interno de cada homem, da vitalidade, da vontade e dos sentimentos nobres como a lealdade.

Sólidos platônicos. A escola filosófica platônica atribuía grande importância simbólica aos cinco sólidos regulares da geometria, sustentando que tais formas constituíram o modelo básico para a construção do universo. Esotericamente, esses sólidos representam os sentidos humanos e algumas das principais faculdades do homem: *tetraedro* – relacionado com o olfato e a percepção intelectual; *cubo* – o paladar e a memória; *octaedro* – com a visão e a imaginação; *dodecaedro* – o tato e a capacidade de julgamento; *icosaedro* – a audição e a faculdade de compreensão.

Sombra. Como o Sol é emblema da luz do espírito, a sombra representa o "duplo" negativo do corpo. Muitos povos primitivos acreditavam que a sombra fosse uma espécie de *alter ego* da alma. Carl Jung deu o nome de "sombra" aos aspectos primitivos e instintivos do indivíduo.

Suástica. Encontra-se este símbolo gráfico em quase todas as culturas antigas e primitivas do mundo – nas catacumbas cristãs, na Bretanha, Irlanda, em Micenas e na Gasconha; entre os etruscos, os hindus, os celtas e germânicos; na Ásia Central e em toda a América pré-colombiana. Existem dois tipos fundamentais de suástica: aquela cujos braços apontam para a direita (masculina) e outra contrária (feminina), significando respectivamente o impulso cósmico evolutivo e involutivo. Simbolicamente, a suástica representa a condição cósmica de contínuo movimento; é emblema do "fogo divino": a energia criadora que constrói os mundos e a chave para o ciclo da ciência humana e divina. Trata-se de um símbolo de natureza claramente solar. Estudiosos como Ludwig Müller afirmam que ela representava a suprema divindade durante o período da Idade do Ferro. Na Idade Média, a interpretação mais geral de sua simbologia estava relacionada com o movimento e com o poder do Sol. Na primeira metade deste século, o nazismo alemão utilizou a suástica negativa (feminina) como símbolo máximo, alterando, além disso, a sua posição normal, fazendo com que uma de suas pontas apontasse para baixo. Segundo especialistas, tal atitude correspondia a um desejo de utilizar, em termos de magia negra, o poder cósmico contido nesse símbolo.

T

Tambor. Um dos mais antigos instrumentos musicais, o tambor simboliza o som primordial e a magia. Está diretamente associado ao elemento musical do ritmo; nesse sentido, simboliza as pulsações cíclicas das energias cósmicas criativas.

Tartaruga. Animal sagrado em muitas civilizações. Na China, a tartaruga é símbolo do cosmos; no Egito, representa a morte e as trevas.

Távola Redonda. Solicitado pelo mago Merlin, o rei Artur, da Inglaterra, fundou uma ordem secreta medieval com a finalidade de recuperar o Santo Gral. Esta ordem denominou-se "Cavaleiros da Távola Redonda", devido, segundo conta a lenda, ao costume que tinham seus membros de sentar-se ao redor de uma mesa circular nas vezes em que se reuniam. De acordo com a simbologia esotérica, o mago Merlin representa a doutrina secreta; o rei Artur é emblema formal das escolas de mistério; e Galahad, um dos cavaleiros, o adepto em cuja pessoa o mistério da redenção é revelado.

Templo de Salomão. Construído pelo famoso rei judeu de mesmo nome cerca de mil anos antes de Cristo, esse templo transformou-se num importante símbolo esotérico e cabalístico. Representa o cosmos e também o corpo humano (templo do espírito), no sentido de que foi arquitetado e construído com base em princípios divinos.

Thoth. Divindade egípcia, era representado com corpo de homem e cabeça de íbis. Ligado à Lua, Thoth simboliza a sabedoria, as artes, a ciência e escritura hieroglífica.

Torre. Devido ao simbolismo ascensional, em que se passa de um nível para outro superior e para o qual a altura material corresponde à elevação espiritual, as construções do tipo da torre expressam simbolicamente a ação evolutiva ou de elevação. As torres simbolizam uma escada ou ponte entre a terra e o céu.

Tocheiro. Símbolo da purificação pela iluminação. É emblema da verdade e está associado ao poder solar.

Traço. Um dos símbolos gráficos básicos. *Vertical*: o princípio ativo

(masculino) ou dinâmico; *horizontal*: o princípio passivo (feminino) ou estático.

Trevas. A idéia de escuridão simboliza, no esoterismo teosófico, o período de caos que antecede a criação organizada (*Fiat Lux*). Esse período trevoso é rompido pela aparição da luz, que constitui o princípio da diferenciação e da ordem. Nas cosmogêneses esotéricas, as trevas aparecem como "o pai e a mãe", e a luz, como seu "filho".

Trevo. As folhas desse vegetal constituem um emblema da Trindade. O trevo localizado no alto de uma montanha simboliza, esotericamente, o conhecimento da essência divina conquistada após árduos esforços, através de sacrifícios e longos estudos.

Triângulo. Esta figura geométrica tem importante valor simbólico em muitas religiões e escolas esotéricas, representando a Trindade divina: a harmonia, a perfeição e a sabedoria. O triângulo eqüilátero é um dos principais símbolos maçônicos. Aparece geralmente com um olho aberto em seu interior, simbolizando a consciência divina, sempre desperta e vigilante. *Eqüilátero*: as tríades divinas ou o perfeito equilíbrio entre os três aspectos da Divindade; *isósceles positivo* (ápice para cima): o ternário evolutivo ou anseio do espírito em se libertar da matéria; *isósceles negativo* (ápice para baixo): o ternário involutivo ou o princípio espiritual que penetra e vivifica a matéria.

Trimurti. Palavra sânscrita significando "três formas" ou "três faces". Designa a trindade hindu, constituída pelos deuses Brahma, Shiva e Vishnu. A trimurti simboliza a união harmônica de três poderes cósmicos sem os quais não poderia existir a realidade: criação, conservação, destruição.

Trompete. Instrumento musical de natureza dupla: marcial (ligado ao planeta marte) e venusiano (pelo metal cobre que entra em sua constituição). O trompete é instrumento de nobres e guerreiros, simbolizando a glória, a fama e a conquista. É muito usado nas representações de coros angélicos, geralmente como símbolo anunciador do juízo final.

Trono. O trono, ou assento real, é símbolo de unidade, síntese e estabilidade. No sistema egípcio de hieróglifos, o trono é um sinal determinativo, abarcando os conceitos de suporte, exaltação, equilíbrio e segurança.

U

Unicórnio. Animal fabuloso, presente na mitologia de várias civilizações da Antigüidade e da Idade Média, tanto no Oriente como no Ocidente. É representado por um belo cavalo branco portador de um único corno reto no alto da cabeça. A tradição consigna ao unicórnio qualidades como a coragem, pureza, fidalguia e desinteresse. Certas linhas esotéricas e místicas o pretendem também como símbolo da castidade ou da sexualidade sublimada. Seu significado oculto está relacionado com o homem espiritual, e seu único corno simboliza o olho da visão interna ou intuição.

Ureus. Palavra grega para designar a imagem de uma serpente com dois cornos. O *ureus* foi importante símbolo sagrado do antigo Egito, atributo dos deuses Hórus e Osíris. Aparece também na fronte de faraós e altos sacerdotes, representado a clarividência espiritual. Segundo a interpretação esotérica, é símbolo da energia kundalini sublimada e totalmente direcionada pra a vida espiritual.

Urna. Como todos os receptáculos, a urna envolve um simbolismo que corresponde ao mundo feminino. A urna de ouro e prata, decorada com um lírio branco, é um dos emblemas favoritos para representar a Virgem Maria na iconografia religiosa. No budismo chinês, a urna é um emblema de boa sorte, significando totalidade, ou o estado de suprema inteligência que triunfa sobre o nascimento e a morte.

Uva. Fruta consagrada a Dionísio (o Baco romano), geralmente apresentada em cachos. É símbolo da fertilidade.

V

Vaca. Como símbolo geral da Mãe Universal, ou força geradora da natureza, a vaca é o mais sagrado de todos os animais na religião hinduísta. Em nenhuma circunstância ela pode ser morta ou ferida, e

apenas o leite que produz pode ser consumido pelo homem. Esotericamente, a vaca é emblema da natureza criadora, e o touro representa o espírito que a vivifica. É considerada um animal associado à Terra e à Lua. Numerosas deusas lunares são representadas portando cornos de vaca.

Vajra. Palavra sânscrita que designa o diamante, o raio, o bastão ou arma. No hinduísmo, *vajra* é o cetro do deus Indra. No budismo vajrayana (dominante no Tibet), é símbolo do cetro mágico dos iniciados, representando a posse de poderes sobrenaturais.

Vale. No simbolismo dos sítios geográficos, o vale representa uma região intermediária entre o mar, o deserto, a floresta e a montanha. Os vales são regiões neutras, aptas para o desenvolvimento da criação para o progresso material. A fertilidade característica dos vales, no fundo dos quais quase sempre corre um rio, contrasta com a natureza do deserto (simbolicamente, um lugar de purificação) ou do oceano (que representa a origem da vida, mas que, em relação à existência humana, é estéril), e também com a montanha (região ascética, caracterizada pela presença da neve, recomendada para a vida contemplativa e para a iluminação intelectual).

Vampiro. Termo de origem eslava, designa seres ou espectros que à noite aproximam-se das criaturas para chupar-lhes o sangue. A existência mítica ou real dos vampiros está registrada em relatos de várias civilizações, tanto no Ocidente como no Oriente. Mas é na Europa Central, em países como a Romênia, Iugoslávia, Hungria, Ucrânia, e Polônia, que aparições desse tipo conheceram o seu auge. Esotericamente, a figura do vampiro simboliza a transmissão involuntária de uma parte da própria energia vital, por meio de uma espécie de osmose oculta, para uma segunda pessoa, esta última dispondo de "faculdade vampirizante". Muitas vezes essa transferência energética acontece através de um processo mecânico, e dele não tem consciência nem o "vampiro" nem a pessoa "vampirizada". O simbolismo do vampiro é também usado em psicologia, com muita freqüência, para caracterizar situações de domínio psicológico de uma pessoa sobre outra, geralmente a partir do uso de todo tipo de chantagem afetiva e emocional.

Varinha mágica (ou vara de condão). Instrumento mítico, utilizado, segundo a tradição medieval européia, pela fadas, magos e feiticeiros para efetuar operações de magia. É símbolo de poder oculto.

Vegetação. A vegetação, em todas as suas formas, tem duas implicações principais: primeiro, devido a seu ciclo anual, simboliza a

morte e a ressurreição (em conexão, neste caso, com a simbologia do inverno e da primavera); segundo, devido à sua abundância, a vegetação está ligada ao simbolismo geral da fecundidade e fertilidade.

Veículos. Os vários tipos de veículos, tanto antigos como modernos, extraem seu significado a partir do simbolismo do *Carro* (ver em PLANETA "Tarô", 127-B, a análise sobre ela). Na psicologia de Jung, o tipo particular de veículo que aparece num sonho ou num desenho do paciente, relaciona-se com o tipo particular de ritmo ou movimento inerente ao mesmo. Todo veículo é uma expressão ou representação do corpo (incluindo a mente e o pensamento), ou, em outras palavras, do espírito em seu aspecto existencial.

Vela. A vela ou círio, simboliza a presença de Deus. No catolicismo, o costume de acender velas durante as várias cerimônias religiosas data do século V. A chama da vela está ligada à simbologia geral do fogo e da luz.

Verbo. Sinônimo de *logos*. Na teologia cristã, o Verbo é o Filho, a segunda pessoa da Trindade divina. Esotericamente, significa o aspecto Sabedoria do Deus único.

Véu. O simbolismo do véu está relacionado com os aspectos secretos ou ocultos da verdade ou da divindade. O estudioso René Guénon chama a atenção para o duplo sentido do verbo *revelar* (re-velar), que pode significar tanto a retirada do "véu" como "cobrir algo como véu".

Violino. A família dos instrumentos musicais de arco (violino, viola, violoncelo), da qual o violino é membro proeminente, é considerada, por suas características de emissão sonora, a mais adequada para a transmissão de sentimentos humanos. Esotericamente, os instrumentos de arco simbolizam a alma aprisionada na matéria. O corpo oco do violino representa a terra e o céu, e no seu interior, prisioneira, está a alma. O arco simboliza a ação do espírito que tenta libertá-la, através de um adequado trabalho de sensibilização dos quatro elementos da natureza (representados pelas quatro cordas). O som resultante simboliza o apelo da alma em direção à fonte divina.

Vitríolo. Sigla alquímica que significa, em latim: *Visita interiore terrae; rectificando invenies occultum lapidem* ("Visita o interior da terra; retificando encontrarás a pedra oculta"). O "interior da terra" representa o corpo humano; a "pedra oculta" simboliza a matéria-prima dos alquimistas.

Y

Yang-Yin. Símbolo chinês da distribuição dual das forças universais, compreendendo o princípio ativo ou masculino (*Yang*) e o feminino ou passivo (*Yin*). Este símbolo tem a forma de um círculo dividido por uma linha sigmóide, e as duas partes assim formadas possuem, quando observadas, uma tendência dinâmica, o que não seria possível se o círculo fosse dividido por uma linha reta (diâmetro). Na representação gráfica desse símbolo, a metade clara representa o Yang, e a escura, o Yin. Contudo, a primeira apresenta em seu interior um ponto negro, e a segunda, um ponto branco, significando que ambas possuem, em si mesmas, o germe do princípio contrário.

Yoni. Palavra sânscrita designativa do símbolo do órgão sexual feminino, no hinduismo. É geralmente representado por um triângulo invertido, com uma pequena depressão na superfície, a qual permite a inserção do *lingam* (órgão masculino). *Yoni* simboliza também o princípio feminino, ou aspecto passivo da natureza.